

ROBERT SOUTHEY, O PRIMEIRO LUSÓFILO INGLÊS

Maria Zulmira Castanheira

Decorridos precisamente duzentos anos sobre a primeira deslocação a Portugal, em 1796, do escritor inglês Robert Southey (1774-1843), romântico por geração e por gostos, é de justiça que assinalemos a data lembrando a vertente lusófila da obra deste autor hoje praticamente esquecido mas que, no seu tempo, alcançou grande notoriedade e prestígio.¹

Razões de ordem militar, política e comercial há muito que traziam súbditos britânicos até ao nosso país, mas foi no século XVIII, quando uma maior segurança, conforto e poder económico tornaram mais fácil e agradável o acto de viajar, que os ingleses começaram a afluir a Portugal em número significativo, movidos por interesses culturais e recreativos, ou simplesmente em busca de um clima ameno, recomendado pelos médicos britânicos aos seus doentes pulmonares.

Os dois únicos nomes sonantes das letras de além-Mancha que visitaram Portugal antes do poeta laureado Robert Southey, Henry Fielding (1704-1754) e William Beckford (1760-1844), tiveram exactamente por base das suas viagens motivações de natureza pessoal, e não quaisquer missões de índole profissional ou diplomática: o primeiro, autor dos célebres romances *Joseph Andrews* (1742) e *Tom Jones* (1749), rumou a Lisboa por causa do seu precário estado de saúde e aqui faleceu no ano de 1754, dois meses após a chegada, tendo deixado registadas para a posteridade as suas impressões da travessia marítima entre a Inglaterra e a Península Ibérica em *The Journal of a Voyage to Lisbon* (1755)², e o segundo, intelectual de plurifacetados talentos, homem irreverente e excêntrico, esteve em Portugal por diversas vezes entre 1787 e 1799³, não só devido à

¹ Há dez anos consagramos às relações de Robert Southey com Portugal um estudo aprofundado: vd. MARIA ZULMIRA BANDARRA DE SOUSA MACEDO LEAL, *Para o Retrato de Robert Southey. A visão de Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

² Vd. HENRY FIELDING, *Diário de uma viagem a Lisboa*. Tradução, introdução e notas de João Manuel de Sousa Nunes. Lisboa, Edições Ática, 1992.

³ As impressões de William Beckford sobre Portugal encontram-se reunidas em: *Italy; with Sketches of Spain and Portugal*. By the author of "Vathek". London, Richard Bentley,

errância a que o forçou a sua situação de proscrito social, mas também pela própria ligação afectiva que acabou por estabelecer com o nosso país, ao qual chegou a referir-se como “beloved Portugal, my own true country”.⁴

Southey viria, aliás, a cruzar-se com Beckford na capital portuguesa em 1796, sem que, contudo, lhe tenha dirigido a palavra. O ostracismo a que a sociedade inglesa tinha votado o autor de *Vathek* (1786), por causa de um escândalo que lhe criara a reputação de homossexual, persegui-lo-ia para o resto da vida e far-se-ia sentir em todos os países estrangeiros que visitou, Portugal incluído. Porém, aqui, a amizade que Beckford travou com a influente família Marialva acabaria por abrir-lhe muitas portas e transformá-lo num caso de celedridade entre os portugueses. Outra foi, no entanto, a reacção dos seus compatriotas residentes em Lisboa: nestes só encontrou frieza e desprezo, como prova a forma como Southey dele falou anos mais tarde, em carta ao seu amigo Charles Watkin Williams Wynn (1775-1850), datada de 7 de Julho de 1834:

“[...] Beckford I often met in Portugal, in the only way that he was ever met there by his own countrymen — in the streets.”⁵

No mês seguinte, em carta de 20 de Agosto dirigida à poetisa Caroline Bowles (1787-1854), sua futura mulher, Southey voltava a referir-se a Beckford em termos que traduzem um julgamento reprovador:

“I have not seen Beckford’s book, but should expect it to be as you describe it. No talents can compensate for that want of moral feeling which is likely to appear in anything he may write.”⁶

Apesar de muito diferentes em temperamento e mentalidade, ambos os autores partilharam um profundo interesse pelo nosso país, e é curioso que Beckford se tenha até provavelmente inspirado numa obra de Southey, *Letters from England: by Don Manuel Alvarez*

1834; *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha*. By the author of “Vathek”. London, Richard Bentley, 1835; e *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787-1788*. Edited by Boyd Alexander. London, Rupert Hart-Davis, 1954.

⁴ *Life at Fonthill: 1807-1822. With Interludes in Paris and London. From the Correspondence of William Beckford*. Translated and edited by Boyd Alexander. London, Rupert Hart-Davis, 1957, p. 65. Citado por: MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES, *William Beckford e Portugal*. Lisboa, Edições 70, 1987, p. 122.

⁵ In JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law — . 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. IV, p. 378.

⁶ In EDWARD DOWDEN (ed.), *The Correspondence of Robert Southey with Caroline Bowles. To which are added: correspondence with Shelley, and Southey’s dreams*. Dublin, Hodges, Figgis, & Co.; London, Longmans, Green, & Co., 1881, p. 309.

Espriella. Translated from the Spanish (1807)⁷, para formular a sua própria definição de Portugal — «the Paradise of D. Fagundes» —, já que, ao referir-se a Londres, em 1808, usa a expressão «the Paradise of D. Espriella», numa óbvia alusão ao livro acima referido.⁸

Após as respectivas estadas em Portugal, tanto Beckford como Southey viriam a recordar com saudade e carinho, ao longo das suas existências, os tempos passados neste país ibérico. Sabe-se que o primeiro manteve até ao fim dos seus dias o hábito de recortar as notícias sobre Portugal que encontrava nos jornais ingleses⁹ e que o segundo acalentou durante muitos anos o sonho de aqui voltar e fixar residência para sempre entre o arvoredo e os perfumes de Sintra¹⁰, testemunhos inequívocos, portanto, da forte atracção que a nossa terra sobre eles exerceu.

Mas, se ambos os escritores estabeleceram com Portugal uma ligação sentimental, já para Southey a pátria de Camões adquiriria uma outra dimensão, esta de carácter profissional, ao sugerir-lhe um programa de investigação e de publicações nas áreas da história e da literatura lusitanas que procurou laboriosamente concretizar ao longo da vida, não só por gosto e verdadeiro empenho, mas também com a

⁷ Southey escondeu-se por detrás de uma identidade fictícia, *Don Manuel Alvarez Espriella*, para dar a conhecer aos seus compatriotas o que sabia e pensava sobre o seu país natal. O recurso a este artifício literário não foi, porém, original: em 1721 Montesquieu (1689-1755) publicara anonimamente *Lettres Persanes*, em que a França do seu tempo é observada pelos olhos de dois viajantes persas imaginários, e a partir de então vários foram os autores que usaram nomes estrangeiros para escreverem sobre os seus próprios países, procurando dessa forma atrair a atenção do público. Em Inglaterra, antes de Southey, já dois outros escritores de prestígio tinham adoptado semelhante método satírico: Horace Walpole (1717-1797) dera à estampa *Letter from Xo Ho: a Chinese Philosopher in London to his Friend Llen Chi at Peking* (1757) e Oliver Goldsmith (1730-1774) fizera vir a lume, cinco anos depois, *The Citizen of the World; or, Letters from a Chinese Philosopher, Residing in London, to His Friends in the East* (1762), de novo uma descrição da Inglaterra supostamente feita por um visitante chinês.

Ao usar um pseudónimo espanhol para escrever sobre a Inglaterra, Southey estava, pois, a cultivar um género já com tradição: o do relato de viagem pretensamente redigido por um estrangeiro. Os motivos que o terão levado a optar por esta fórmula foram, no entender de Jack Simmons, essencialmente os seguintes: vontade de conquistar um maior número de leitores, indo ao encontro do gosto do público por livros de viagens sobre a Inglaterra de autoria estrangeira, e desejo de escapar aos ataques dos seus inimigos literários, os quais, pensava Southey, criticariam a obra, independentemente das suas qualidades, movidos apenas por razões pessoais. Cf. ROBERT SOUTHEY, *Letters from England*. Edited with an Introduction by Jack Simmons. Gloucester, Alan Sutton, 1984.

⁸ MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES estabeleceu já esta relação: *op. cit.*, p. 136.

⁹ Vd. MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES, *ibidem*, pp. 130, 170, 192 (nota (82)) e 203 (nota (407)).

¹⁰ «Sintra! Sintra!... That place is the only place in the world that I love better than this [Keswick], and very probably I shall never quit this unless it be to reside in Portugal, where I would willingly go and take up my abiding-place for the remainder of my days. It is not possible to tell you how deeply I love that country... Here my happiness proceeds wholly from my mind — there I have an animal and bodily happiness for which my soul thirsts [sic] whenever I remember it.» (Carta a Henry Thomas, de 23 de Fevereiro de 1807, citada por: JACK SIMMONS, *Southey*. London, Collins, 1945, p. 120).

intenção de obter proventos financeiros que lhe permitissem garantir o sustento da sua numerosa família.

Sem ter fortuna pessoal e determinado a seguir a nada fácil carreira de homem de letras, Southey debater-se-ia sempre com problemas de ordem económica, ao contrário de Beckford, cuja imensa riqueza, proveniente das plantações de açúcar que a sua família possuía na Jamaica, levou a que Lord Byron lhe chamasse "England's wealthiest son".¹¹

Portugal não foi para Southey, portanto, apenas um espaço pitoresco, exótico, que satisfazia plenamente o seu gosto romântico pelo passado medieval, mas um sério objecto de estudo. Quando, em 1796, atravessou a fronteira portuguesa, vindo de Espanha, nada o faria supor que a temporada que estava prestes a passar em Lisboa iria ser o início de um interesse profundo por um povo estrangeiro que, à primeira vista, lhe desagradou, mas do qual acabaria por enamorar-se. As leituras que, já de regresso a Inglaterra, veio a fazer sobre a história e a literatura de Portugal apontaram-lhe, porém, um caminho em termos de carreira profissional, a especialização nos estudos portugueses, motivo pelo qual voltou à Península Ibérica em 1800, para aqui se manter até finais de Junho de 1801, altura em que abandonou Lisboa decidido a visitar-nos mais vezes, o que, na realidade, não chegaria a acontecer.

Das duas estadas em território português resultaram relatos em que Southey anotou as suas impressões de viagem: o primeiro, intitulado *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portuguese Poetry*¹², foi publicado em 1797 e viria a ser reeditado em 1799 e 1808 com alterações significativas¹³, enquanto o segundo se manteve inédito até 1949, data em que Adolfo Cabral, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa e autor de um estudo inteiramente dedicado às relações de

¹¹ Cf. *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, estrofe XXII, v. 6.

¹² A indicação bibliográfica completa é a seguinte: ROBERT SOUTHEY, *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portuguese Poetry*. Bristol; Printed by Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, Bristol and G.G. and J. Robinson, and Cadell and Davies, London, 1797.

De ora em diante esta obra passará a ser referida, abreviadamente, por *Letters*.

¹³ À primeira edição, de 1797, seguiram-se outras duas: *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*. Second Edition. Bristol: Printed by Biggs and Cottle, for T. N. Longman and O. Rees, London, 1799 e *Letters Written During a Journey in Spain and a Short Residence in Portugal*. In two volumes. Third edition, corrected and amended. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1808.

Neste artigo a 2.^a e 3.^a edições serão designadas, respectivamente, por *Letters II* e *Letters III*.

¹⁴ Vd. ADOLFO CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, Papelaria Fernandes, 1959.

Antes desta data fora já apresentada à Universidade de Coimbra, em 1938, a dissertação de licenciatura de ALBINO PEIXOTO JUNIOR intitulada *As Cartas de Roberto Southey sobre Portugal*, mas trata-se de uma tradução de *Letters*, e não de um estudo da obra.

Southey com Portugal¹⁴, o descobriu em Bristol, juntamente com um outro sobre a ida a França em 1838, e o deu à estampa onze anos mais tarde no volume *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*.¹⁵

Percorrer hoje as páginas destes livros de viagens é duplamente compensador: não só obtemos uma panorâmica sobre a situação de Portugal nos finais do século XVIII, como acompanhamos a evolução do pensamento de Southey sobre o nosso país, desde uma primeira imagem em quase tudo idêntica à que visitantes anteriores haviam já veiculado e que se traduzia na ideia generalizada de considerar os portugueses como um povo retrógrado, supersticioso, tolhido pela tirania exercida pelo Estado e a Igreja, até uma visão que, nunca deixando de ser crítica, evidencia um respeito e admiração nunca antes demonstrados publicamente por qualquer viajante inglês em relação a esta pequena nação aliada.

Também na sua vasta correspondência particular, enviada ao longo dos anos a familiares e amigos, abundam as referências a Portugal, prova da preocupação constante de Southey pelo nosso país desde a sua primeira vinda à Península Ibérica. O facto de ter realizado tal viagem aos vinte e um anos de idade, quando se encontrava em plena fase de formação, revelar-se-ia decisivo para o rumo que a sua obra tomou. A partir de então, não mais abandonou o interesse pela história e literatura portuguesas, as quais procurou dar a conhecer aos seus compatriotas através de variadíssimos trabalhos feitos nesses dois domínios. Graças à sua pioneira campanha de divulgação da cultura lusitana no seu país, Portugal pôde pela primeira vez contar com uma voz que além-Mancha se esforçou por transmitir uma imagem positiva deste povo ibérico que durante séculos fora olhado pela Inglaterra com indiferença ou desdém.

Tão ardentemente Southey tentou documentar-se e compreender a nossa cultura, tão apaixonadamente se entregou à tarefa de escrever sobre o passado de Portugal e o seu património literário, que acabou por sentir-se intelectualmente português, como confessou em carta datada de 3 de Junho de 1815:

“[...] the long attention which I have given to their history and the whole of their literature has given me a sort of intellectual naturalization among them [...]”¹⁶

¹⁵ ROBERT SOUTHEY, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*. Edited by Adolfo Cabral. Oxford, At the Clarendon Press, 1960.

Esta obra passará a ser referida apenas por *Journals*.

¹⁶ Vd. “Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster (anos de 1804 a 1819)”, in JOAQUIM DE SOUSA LEÃO, “Em Torno de Robert Southey”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943 (Janeiro-Março), vol. 178, p. 46.

MY VOYAGE WAS TO PORTUGAL, AND YOU KNOW HOW MUCH IT
HAS INFLUENCED THE DIRECTION OF MY STUDIES ¹⁷

Apesar de ter vivido numa época fortemente marcada pelo individualismo e pelo pendor confessional, Southey não produziu nenhuma obra estritamente autobiográfica¹⁸, embora pareça ter sido ele a forjar o termo «autobiography» em 1809.¹⁹ No entanto, a sua prosa está repleta de dados sobre a vida e o pensamento do escritor, nomeadamente os relatos de viagem, onde pôde dar largas à sua tendência para o registo de tudo o que via de interessante, e que são hoje ótimos testemunhos da sua grande capacidade de observação e imensa curiosidade intelectual; *The Doctor* (1834-47), a única tentativa de Southey no domínio da ficção, caracterizada por um método narrativo digressivo e de tipo ensaístico; o *Common-Place Book* (1849-51), obra em que o autor anotou, de forma avulsa, ideias, opiniões, comentários, resumos de leituras e projectos de possíveis trabalhos, essencialmente relacionados com assuntos literários, históricos e religiosos; e, sobretudo, a volumosa correspondência trocada ao longo dos anos com amigos e familiares, onde Southey mais aberta e profusamente se revela enquanto homem²⁰ e enquanto escritor²¹.

É precisamente numa carta que Southey faz o resumo da sua vida, destacando, nessas curtas palavras, o lugar que Portugal desempenhou na sua carreira, graças à influência recebida de um tio que durante muito tempo desempenhou no Porto e depois em Lisboa as funções de capelão da Feitoria Britânica:

“[...] it is sufficient to state that I was born at Bristol 1774, was of Westminster School, and of Balliol College Oxford; and that the occasion which directed my studies

¹⁷ Carta a John Wood Warter (1806-1878), futuro genro de Southey, de 23 de Abril de 1830: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son The Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. VI, p. 98.

¹⁸ Entre 1820 e 1825 Southey deu início, sob a forma de cartas endereçadas ao amigo John May (1775-1856), à sua autobiografia. Este projecto foi, no entanto, abandonado, e nas epístolas que chegou a redigir apenas refere episódios da infância.

¹⁹ Vd. JAMES A. H. MURRAY, HENRY BRADLEY, W. A. CRAIGIE e C. T. ONIONS (editors), *The Oxford English Dictionary*. Oxford, at the Clarendon Press, 1978, vol. I, p. 573: “f. AUTO + BIOGRAPHY [...] 1809 Southey in *Q. Rev.* I. 283. This very amusing and unique specimen of autobiography.”

²⁰ “Southey’s letters provide the best picture of Southey as a person, for it is in his letters that he is most completely himself.”: in KENNETH CURRY, *Southey*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 103.

²¹ “The reader who wishes to know Southey and is somewhat intimidated by the bulk of his many volumes of poetry, biography, history, and essays would do well to turn to his letters, for it is there that he will find the whole range of Southey’s life and career — the facts of his biography and the full expression of his opinions as they concern his occupation as a writer.”: in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. XI.

particularly to the literature and history of Portugal and Spain was that my maternal Uncle was for very many years Chaplain of the British Factory at Lisbon.”²²

Efectivamente, deve-se a esse seu parente pelo lado materno, o Reverendo Herbert Hill (1749-1828), residente em Portugal por mais de trinta anos até que, em 1807, a Guerra Peninsular o forçou a regressar à pátria, bem como à sua irmã, *Miss Elizabeth Tyler*, o início da relação de Robert Southey com Portugal e o posterior encaminhamento para o estudo das letras lusitanas.

Nascido em Bristol em 12 de Agosto de 1774, no seio de uma família de classe média economicamente pouco desafogada, Southey, dos dois aos seis anos de idade, viveu em Bath com a referida tia *Miss Tyler*, uma mulher excêntrica e apaixonada pelo teatro, que no próprio ano do nascimento do sobrinho viajara até Portugal, na companhia do irmão, por motivos de saúde. Em carta datada de 4 de Março de 1821, dirigida ao amigo John May, Southey viria a reconhecer a decisiva importância que a vinda da sua tia a Portugal acabou por ter para o futuro do tio sacerdote e para o seu próprio destino:

“Yesterday I received a letter from my uncle with the news of Miss Tyler’s death [...]. Had it not been for the whim which took her to Lisbon in the year of my birth, you and I should never have known each other; my uncle would never have seen Portugal, and in how different a course would his life and mine in consequence have run!”²³

Quando, aos seis anos, Southey deixou a elegante cidade de Bath para ir viver com os pais em Bristol, levava já consigo o gosto pelos livros e pelo teatro, e uma certa familiaridade com assuntos portugueses, obtida por certo através de conversas com a tia, da leitura da correspondência do tio Hill enviada de Lisboa e até mesmo de uma gravura imponente do Marquês de Pombal, emoldurada em pau-brasil, que durante muito tempo se habituara a ver pendurada numa das paredes do salão de *Miss Tyler*.

Dali em diante, a educação do jovem Southey seguiu um percurso que o conduziu a várias instituições escolares, que não agradaram à família, até que em 1788 ingressou na conceituada Westminster School, em Londres, onde fez o que chamaríamos hoje os estudos secundários. Mas nem mesmo os quatro anos passados nesta *public school* deixaram de ser tumultuosos: insatisfeito com a rigorosa disciplina imposta e com as matérias ali ensinadas, entregou-se por

²² Carta de Southey ao editor de *The New Monthly Magazine*, datada de 5 de Junho de 1814, citada em: ADOLFO CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, P. Fernandes, 1959, p. 371.

²³ Carta a John May, que Southey conheceu na capital portuguesa, datada de 4 de Março de 1821: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. V, p. 62.

conta própria a leituras pouco ortodoxas, que fizeram dele um partidário dos ideais da Revolução Francesa, ao mesmo tempo que se manifestava frontalmente contra os castigos corporais aplicados em estabelecimentos de ensino como o seu — em artigo publicado no n.º5 do jornal estudantil *The Flagellant* —, o que o levou à expulsão de Westminster, decorria então o ano de 1792.

Por causa deste incidente, que lhe vedou a admissão no afamado Christ Church, colégio onde a família pretendia que se ordenasse, acabou por dar entrada, em Janeiro de 1793, no Balliol College, igualmente em Oxford, por diligência e a expensas do tio Hill. Também aqui o Southey estóico e republicano, para usarmos os termos com que ele próprio se definiu relativamente a esse período da sua vida²⁴, não se adaptou. Desiludiram-no, mais uma vez, as cadeiras ensinadas e as regras de comportamento estabelecidas, e de novo tomou uma atitude de confrontação ao recusar-se, por exemplo, a usar a cabeleira empoada ao jantar, o que desde logo lhe valeu ser incluído no número dos revolucionários.

A permanência em Oxford fez Southey perceber que não possuía verdadeira vocação para a vida religiosa, e isso mesmo se apressou a comunicar ao Reverendo Hill. Compreendido e apoiado pelo tio, opta então pelo estudo da Medicina, o que redundaria em mais um fracasso.

Sem saber por que carreira enveredar, embora já nesta altura tivesse despertado em si o interesse pela literatura e a história, abandona de vez a Universidade no Verão de 1794, passando a residir ora em Bath, com a tia, ora em Bristol, primeiro com a mãe (o pai morrera dois anos antes) e depois com Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), que conhecera em Oxford e de quem se tornara admirador e amigo. Com este célebre poeta viria Southey em breve a delinear o plano da «Pantisocracy», isto é, a intenção de emigrar para a América do Norte, com um pequeno grupo de pessoas, entre as quais a própria mãe de Southey e a sua noiva, Edith Fricker, e aí fundar uma colónia comunitária.

Mas também não foi neste projecto utópico que Southey encontrou um rumo a dar à sua vida, bem pelo contrário: não só a ideia de viajar para o continente americano se tornou inviável por falta de dinheiro, como desagradou profundamente a Miss Tyler, que, por essa razão, e pelo desejo manifestado pelo sobrinho de casar com uma

²⁴ "I left Westminster in a perilous state, — a heart full of feeling and poetry, a head full of Rousseau and Werter, and my religious principles shaken by Gibbon: many circumstances tended to give me a wrong bias, none to lead me right, except adversity, the wholesomest of all discipline. An instinctive modesty, rather than any purer cause, preserved me for a time from all vice. A severe system of stoical morality then came to its aid. I made Epictetus, for many months, literally my manual. The French revolution was then in its full career. I went to Oxford in January, 1793, a Stoic and a Republican.": in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. IV, p. 186.

rapariga de condição humilde, o expulsou de sua casa e nunca mais o quis voltar a ver.

O ano de 1795 foi, para Southey, um tempo de viragem do ponto de vista das suas relações com Portugal, pois foi nessa altura que o tio Hill, chegado de Lisboa para uma curta estada em Inglaterra e posto ao corrente do difícil momento que o sobrinho atravessava, lhe propôs que o acompanhasse no seu regresso a Portugal, passando na ida por terras de Espanha. A ideia tinha intenções bem claras: afastar Southey de Bristol, esperando assim que arrefecessem nele os ardores revolucionários, bem como a vontade de levar por diante uma relação amorosa considerada inconveniente pela família.

Embora Southey nunca tivesse acalentado o sonho de visitar a Península Ibérica, e não acolhesse, portanto, com entusiasmo o convite do tio, acabou por aceitá-lo para agradar à mãe, que muito preocupada andava com a conduta e o futuro do filho. A forma como se refere, em carta enviada ao amigo Grosvenor Charles Bedford, à viagem que está prestes a encetar, não deixa, porém, de ser elucidativa do estado de espírito que então o dominava:

“And where, Grosvenor, do you suppose the fates have condemned me for the next six months? — to Spain and Portugal! Indeed, my heart is very heavy.”²⁵

Em 8 de Dezembro de 1795, Robert Southey embarcou num paquete em Falmouth, rumo a Espanha, sentindo-se bastante deprimido. Para trás deixava Edith, com quem se casara em segredo no mês anterior, para protegê-la de possíveis calúnias na sua ausência e assegurar-lhe o apoio da sua família caso morresse durante a viagem; o amigo Grosvenor Charles Bedford, a quem fizera testamento dos seus bens literários; e o cunhado Samuel Taylor Coleridge, que acabara de contrair matrimónio com outra das irmãs Fricker, Sara²⁶. Apenas uma vantagem pessoal via Southey nesta deslocação: a de poder fortalecer-se na amenidade do clima peninsular, visto que emagrecia de dia para dia, embora não sofresse de qualquer doença específica.

Como durante toda a vida sentiu a necessidade de trabalhar regularmente para um fim bem determinado, Southey começou, antes mesmo de deixar a Inglaterra, a pensar em diferentes maneiras de ocupar proveitosamente o tempo enquanto estivesse no estrangeiro:

²⁵ Carta de 23 de Outubro de 1795: In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 251.

²⁶ A terceira das irmãs Fricker, Mary, casou também com um outro amigo de Southey, um poeta menor chamado Robert Lovell (1770?-1796), falecido pouco tempo antes de Southey regressar da sua primeira estada em Portugal.

Southey e Lovell deram à estampa, juntos, o volume de poesia intitulado *Poems containing The Retrospect, Odes, Elegies, and Sonnets, etc. by Robert Lovell, and Robert Southey, of Balliol College, Oxford* (1794).

"I hope to become master of the two languages, and to procure some of the choicest authors; from their miscellanies and collections that I cannot purchase, I shall transcribe the best or favourite pieces and translate, for we have little literature of those parts, and these I shall request some person fond of poetry to point out, if I am fortunate enough to find one."²⁷

A estes planos veio juntar-se a encomenda de um livro de viagens, feita pelo livreiro Joseph Cottle (1770-1853)²⁸, de Bristol, seu grande amigo e editor. Tal proposta decerto agradou imenso a Southey, e foi munido de um caderno de apontamentos que desembarcou na Corunha, no dia 13 de Dezembro de 1795, pronto a registar as suas impressões sobre os países ibéricos. Dessas notas, e das cartas enviadas aos familiares e amigos enquanto esteve fora, cartas que entretanto pôde reaver, nasceu *Letters*, a primeira obra em que fala de Portugal, publicada em 1797, como já dissemos.

A disposição com que Southey chegou à Península não era, como se viu, das melhores, e isso reflectiu-se no modo de observar e apreciar as coisas: revoltado e contrariado como vinha, em quase tudo encontrou defeitos e, fazendo um balanço, pode dizer-se que, de um modo geral, nem Espanha nem Portugal lhe ofereceram muitos motivos de prazer.

O estudo da história e da literatura ibéricas começou nesta altura e, com o tempo, veio a transformar-se numa das suas principais paixões. Anos mais tarde, Charles Cuthbert, filho de Southey, reconheceria os determinantes resultados que teve para o seu pai esta primeira vinda a Lisboa:

²⁷ Carta a Grosvenor Charles Bedford, de 23 de Outubro de 1795: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 251.

²⁸ Joseph Cottle conta como conheceu Southey e que impressão este lhe causou logo no primeiro encontro: "One morning shortly after, Robert Lovell called on me, and introduced Robert Southey. Never will the impression be effaced, produced on me by this young man. Tall, dignified, possessing great suavity of manners; an eye piercing, with a countenance full of genius, kindness, and intelligence.": in JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 5.

Também Lord Byron, o maior e mais famoso detractor de Southey, nos deixou afirmações elogiosas à aparência física de Southey, de mistura com alusões irónicas ao seu valor como escritor: "Yesterday, at Holland House, I was introduced to Southey — the best-looking bard I have seen for some time. To have that poet's head and shoulders, I would almost have written his Sapphics." e "[...] at Holland House I met Southey; he is a person of very *epic* appearance, and has a fine head — as far as the outside goes, and wants nothing but taste to make the inside equally attractive." (Respectivamente, carta a Thomas Moore, de 27 de Setembro de 1813, e carta a James Wedderburn Webster, de 30 de Setembro de 1813, in *Letters and Journals*. Edited by R. E. Prothero (1898-1901), vol. II, p. 266 e vol. II, pp. 269-70, citadas por LIONEL MADDEN (ed.), *Robert Southey—The Critical Heritage*. London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1972, p. 157.

“My father's visit to Lisbon seems chiefly to have been useful to him by giving him an acquaintance with the Spanish and Portuguese languages, and by laying the foundation of that love for the literature of those countries, which continued through life, and which he afterwards turned to good account.”²⁹

Apesar de preencher o tempo lendo, escrevendo e passeando pelos lugares mais turísticos da capital portuguesa, o facto é que Southey desejava ardentemente voltar a Inglaterra:

“Gladly would I exchange the golden Tagus with the olive and orange groves of Portugal, for the mud-encumbered tide of Avon and a glimpse of Bristol smoke.”³⁰

O regresso deu-se em Maio de 1796, e o jovem Southey que se reuniu então à família e aos amigos era já menos inconformista e rebelde, tendo aprendido a valorizar o seu país, muito mais rico e civilizado do que o Portugal em que residira nos últimos meses.

Casado, com novas responsabilidades, sem um domicílio certo nem uma profissão definida, Southey, de volta a Inglaterra, viu-se de novo em dificuldades. Dedicou-se então arduamente à escrita, iniciou a colaboração em jornais e revistas e, a partir de 1797, começou a receber uma pensão anual de cento e sessenta libras, dada pelo amigo Charles Watkin Williams Wynn, com a condição de ir estudar Direito.

Foi com esse fim, efectivamente, que Southey ingressou no Gray's Inn, nesse mesmo ano, para aí se manter até 1800, altura em que, já convencido de que não possuía qualquer vocação para a carreira forense e sentindo-se bastante doente³¹, rumou novamente a Portugal, a conselho do seu médico assistente, Thomas Beddoes.

Se, em 1796, fora com alívio que Southey deixara Lisboa jurando não mais cá voltar — “I leave this country in April; and, when once I reach England, shall cross the seas no more.”³² —, agora, quatro anos volvidos, animava-se com a possibilidade de rever a capital portuguesa que, entretanto, começara a ser lembrada como uma boa recordação.

Enquanto esperava com ansiedade pela resposta à carta que enviara a Herbert Hill, dando-lhe a saber das suas intenções de passar

²⁹ CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 273.

³⁰ Carta de Robert Southey a Charles Watkin Williams Wynn, de 26 de Janeiro de 1796: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —, 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 20.

³¹ Chegou a pensar que sofria de tuberculose ou deficiência cardíaca, mas parece ter-se tratado de uma perturbação de origem nervosa, que se traduzia num mal-estar geral.

³² Carta a Robert Lovell, de 19 de Fevereiro de 1796: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 266.

uma temporada em Portugal, na companhia da sua mulher, e pedindo-lhe mais uma vez apoio, Southey confessou ao seu amigo John May:

“I look with anxiety for my uncle’s letter; and think so much of Lisbon, that to abandon the thought would be a considerable disappointment.”³³

Obtida a anuência do tio, Robert e Edith Southey largaram de Falmouth em 24 de Abril de 1800 e ancoraram no Tejo no dia 30 do mesmo mês, precisamente a data com que tem início o diário em que o escritor anotou as impressões da sua segunda estada em Portugal, só dado à estampa no nosso século.

Antes de partir, Southey, sempre previdente, tomara algumas precauções relativas à preservação da sua obra: instituiu Coleridge seu procurador e herdeiro dos seus bens literários, e encarregara o irmão predilecto, Thomas Southey (1777-1838), então primeiro-tenente da armada britânica, de guardar zelosamente as cartas que lhe haveria de enviar de Portugal, para que mais tarde as pudesse vir a usar em caso de extravio do diário que iria manter em terras lusitanas. Além disso, fizera igualmente planos quanto à forma de ocupar proveitosamente o ano que contava aqui permanecer: procuraria ampliar o seu saber sobre as literaturas portuguesa e espanhola e iria efectuar a investigação necessária para a realização de um projecto que entretanto concebera, o de escrever a História de Portugal. Sobre este último, esclareceu o irmão Thomas em carta de 23 de Março de 1800:

“My intention is, when at Lisbon, to undertake the History of Portugal, a long, and arduous and interesting, and important undertaking, which I think I can do as it ought to be done. The little connection which Portugal has had with general politics gives a wholeness and unity to the story; and no country in her rise ever displayed more splendid actions, or exhibited a more important lesson in her fall. It will be necessary to know well the country of which I write, and to be familiar with the situation of every town famous for a siege, and every field famous for a battle.”³⁴

É, aliás, curioso e sintomático do seu entusiasmo por esta ideia, que antes mesmo de ter a certeza de voltar a Portugal Southey tenha logo começado a trabalhar para a sua concretização:

³³ Carta a John May, de 18 de Fevereiro de 1800: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend ——. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 50.

³⁴ Carta de 23 de Março de 1800: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selectons from the letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law ——. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 99.

"I have busied myself in idleness already in the History of Portugal, and the interest which I take in this employment will make me visit the field of Ourique and the banks of Mondego and the grave of Inez. The Indian transactions are too much for an episode, and must be separately related. The manners and literature of the country should accompany the chronological order of events. I should disturb the spiders of Necessidades, and leave no convent library unransacked."³⁵

Um outro modo de rentabilizar a sua estada em Portugal seria ainda publicar um segundo livro de viagens, o que, como sabemos, não veio a acontecer: a prova de que essa era a sua intenção reside não só no pedido feito ao irmão para que guardasse as suas cartas, já acima mencionado, como nas próprias palavras que escreveu em 1807 a um outro dos seus correspondentes, o estatista John Rickman (1771-1840):

"During my last residence in Portugal I noted down whatever came either to eye or ear, both senses being habitually upon the alert. I have materials enough for a saleable volume."³⁶

Fazendo o balanço dos resultados desta nova estada em Portugal, pode dizer-se sucintamente que ela contribuiu para o aprofundamento dos conhecimentos de Southey sobre a língua, a literatura, a história e a geografia portuguesas, bem assim como sobre o carácter e os costumes do povo luso. Pôde ainda adquirir um sem número de livros, muitos deles portugueses. De suma importância foi, finalmente, o facto de a partir de então Southey ter decidido definitivamente consagrar uma grande parte do seu labor literário aos estudos ibéricos, tendo-se tornado nesse campo um perito de reconhecido mérito.

As ameaças de guerra e de peste obrigaram Southey a deixar Portugal, não por vontade própria, mas sobretudo devido à insistência de Edith, que receava pela segurança do casal. Por ele teria aqui permanecido, apesar dos perigos que se aproximavam, como disse a Coleridge em carta escrita em Março de 1801:

"We are threatened with speedy invasion, and the critical hour of Portugal is probably arrived. [...] Were it not for

³⁵ Carta a John May, de 18 de Fevereiro de 1800: *in* CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 49.

³⁶ Carta a John Rickman, de 24 de Novembro de 1807: *in* KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*, Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 461.

Também numa outra carta, de 4 de Janeiro de 1809, enviada ao amigo de infância Charles Danvers (falecido em 1814), Southey se refere a este segundo relato, dizendo concretamente que já está a trabalhar na obra: "I am getting on at intervals with my Letters from Portugal." (*ibidem*, vol. I, p. 497).

Edith, I would fairly see it out, and witness the whole boderation."³⁷

Em fins de Junho de 1801 inicia-se a viagem de regresso, sentindo-se Southey satisfeito por ter visto realizados os dois desejos que aqui o tinham trazido: recuperara a saúde e voltava carregado de documentos que iriam servir de base a futuras publicações. Mas partia com o coração pesado, pois o clima português deliciava-o — "I feel positive pleasure in breathing the fine air in Portugal"³⁸ — e afeiçoara-se aos lugares por onde deambulara por mais de doze meses.

As saudades não se fizeram esperar. Ainda no barco que o levaria à pátria, já Southey exclamava em carta dirigida a Grosvenor Charles Bedford:

"Now would I lose a few fingers and toes for four-and-twenty, aye, for half-a-dozen hours of Lisbon weather!"³⁹

De volta ao seu país e resolvido finalmente a viver da escrita, Southey deparou-se novamente com o habitual problema da falta de um domicílio certo. A convite de Coleridge, visita, em Agosto, a casa deste — Greta Hall —, situada em Keswick, no Lake District. Apesar da beleza da paisagem, Southey estava demasiado apaixonado por Portugal para se deixar prender àquela região:

"The lakes at first disappointed me. They were diminutive to what I had expected, the mountains little compared to Monchique — and for beauty — all English — perhaps all existing scenery must yield to Cintra, my last summers residence."⁴⁰

No entanto, em 1803, Southey regressou a Greta Hall, onde acabou por se fixar para o resto dos seus dias. Na base de tal resolução esteve uma série de tristes acontecimentos: o desapontamento em relação a um emprego aparentemente prometedoro como secretário de Isaac Corry, Chancellor of the Exchequer na Irlanda; a morte da mãe,

³⁷ Carta a Samuel Taylor Coleridge, de 28 de Março de 1801: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 136.

³⁸ Carta ao poeta amigo Walter Savage Landor (1775-1864), de 10 de Outubro de 1811: citada por ADOLFO DE OLIVEIRA CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, P. Fernandes, 1959, p. 369.

³⁹ Carta a Grosvenor Charles Bedford, de Junho de 1801, incluída em "Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence": in ADOLFO CABRAL (ed.), *Robert Southey's Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*. Oxford, At the Clarendon Press, 1960, p. 176.

⁴⁰ Carta a Henry Herbert Southey, de Setembro de 1801: in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 248.

Henry Herbert Southey (1783-1865), o irmão mais novo de Robert Southey, foi um médico famoso de Londres e casou por duas vezes com filhas de comerciantes de Lisboa.

Margaret Hill (1802); e o nascimento e morte da sua primeira filha, Margaret (1803).

Já estabelecido em Keswick, Southey entregou-se com afã ao estudo e à produção literária, de modo a poder manter uma família que, com o correr do tempo, veio a incluir sete filhos (Edith, Herbert, Emma, Bertha, Katharine, Isabel e Charles Cuthbert), para além dos filhos e da mulher de Coleridge, a partir do momento em que este abandonou Greta Hall, e ainda da viúva de Robert Lovell, sua cunhada.

O convívio com velhos amigos e com o vizinho William Wordsworth (1770-1850)⁴¹ proporcionou-lhe, entretanto, momentos de grande prazer. Igual conforto encontrou nos passeios e excursões que, sempre que pôde, realizou. Um ano antes de se fixar no Lake District visitara o País de Gales e, em 1805, durante uma viagem à Escócia, travou conhecimento com Sir Walter Scott (1771-1832). Seria, aliás, este romancista a sugerir a nomeação de Robert Southey para «Poet Laureate» aquando da sua própria recusa em aceitar tal honra (1815), pois, como escreveu a Lord Byron, considerava-o “a real poet such as we read of in former times, with every atom of his soul and every moment of his time dedicated to literary pursuits.”⁴²

O facto de, a partir de 1809, ter passado a ser um dos colaboradores do periódico *The Quarterly Review*, de tendência conservadora, é outra prova do prestígio, bem assim como da erudição que, com os anos, Southey foi adquirindo. Curiosamente, ambas as distinções desencadearam ferozes ataques por parte da oposição *whig*, o que se traduziu num decréscimo de vendas dos seus livros e, conseqüentemente, lhe criou problemas económicos. No entanto, os editores continuaram a apostar em Southey, cuja reputação estava firmemente estabelecida.

Antes que as décadas de 20 e 30 lhe trouxessem novas provas de reconhecimento público — em 1820 a Universidade de Oxford, que ele abandonara sem concluir qualquer curso, atribuiu-lhe o título de doutor *honoris causa*, em 1826, após uma viagem aos Países Baixos, foi eleito Membro do Parlamento pela circunscrição de Downton e, nove anos mais tarde, o primeiro-ministro Sir Robert Peel (1788-1850) ofereceu-lhe o título de baronete⁴³ —, Southey sofreu um rude golpe,

⁴¹ O célebre poeta romântico William Wordsworth estabeleceu-se em Grasmere, perto de Keswick, no ano de 1799. Do convívio com Southey ficou-lhe uma grata recordação, que exprimiu nos seguintes termos: “His [Southey’s] genius and abilities are well known to the world, and he was greatly valued for his generous disposition and moral excellence.” (Carta de Wordsworth a Sir William M. Gomm, datada de 24 de Março de 1843, in WILLIAM KNIGHT (ed.), *Letters of the Wordsworth family from 1787 to 1855*. In three volumes. Boston and London, Ginn and Company, Publishers, 1907, vol. III, p. 261).

⁴² *The Letters of Sir Walter Scott*. Edited by H. J. C. Grierson, 1932-37, vol. 4, p. 444, citado por: KENNETH CURRY, *Southey*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 65.

⁴³ Southey recusou as duas últimas destas distinções, a primeira porque não desejava ingressar na vida política, e a segunda por não possuir meios materiais que lhe permitissem fazer jus a tal posição.

do qual nunca chegou a recompor-se totalmente, que lhe abalou bastante a sua auto-confiança e capacidade de enfrentar positivamente os obstáculos: a morte, em 1816, do seu filho Herbert, então com dez anos de idade, no qual o escritor depositava a esperança de ver continuada a sua carreira literária.

Os últimos anos da vida de Southey trouxeram-lhe ainda mais motivos de infelicidade: o falecimento de uma outra filha, o que levou a sua mulher Edith à loucura e, finalmente, à morte, em 1837, e o desaparecimento de alguns dos seus melhores amigos. No entanto, encontrou ainda algum conforto no casamento que contraíu em 1838 com a escritora Caroline Bowles, sua correspondente e amiga de longa data.

O gosto pelas viagens, que Southey demonstrou durante toda a vida, foi satisfeito pela derradeira vez precisamente nesse ano do seu segundo matrimónio com uma visita a França, na companhia do filho, Charles Cuthbert.

Por esta altura, Southey começou a evidenciar indícios de que estava a perder as faculdades mentais. O rápido agravamento do seu estado levou-o a deixar de reconhecer as pessoas e a perder de todo a noção do que se passava à sua volta. Aquele que sempre vivera para as letras, finalizava os seus dias, em 21 de Março de 1843, sem poder ler nem escrever. Ao funeral, realizado no cemitério de Crosthwaite, em Keswick, assistiram William Wordsworth e o genro, Edward Quillinan (1791-1851), igualmente um conhecedor de Portugal⁴⁴, tendo cada um deles composto um poema evocativo do acontecimento.⁴⁵

Robert Southey morreu sem ter realizado uma das suas maiores ambições: voltar a pisar solo português. Quando abandonou Lisboa pela segunda vez, em 1801, fê-lo com a intenção de regressar e, durante o resto da vida, tentou concretizar esse desejo, nomeadamente planeando juntar-se às tropas que, na Península, combatiam o jugo napoleónico, ou procurando obter uma nomeação para desempenhar qualquer cargo na capital portuguesa, o que nunca viria a conseguir.

Por vezes chegou a pensar que a terceira viagem a Portugal estava próxima, como mostram os versinhos que escreveu para a filha Edith:

“Over the water, and over the water,
Together we go, Papa and his daughter.
Where do we go-a? where do we go-a?”

⁴⁴ Sobre as ligações de Edward Quillinan com Portugal, veja-se: MIGUEL ALARCÃO E SILVA, “Home is where the heart is: a obra lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)”, *In Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, N.º 4, 1995, pp. 87-132.

⁴⁵ Os poemas intitulam-se, respectivamente: “Inscription for a Monument in Crosthwaite Church, in the Vale of Keswick” (*In The Poetical Works of Wordsworth*. With Introductions and Notes. Edited by Thomas Hutchinson. A New Edition, revised by Ernest De Selincourt. London, New York, Toronto, Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1950, p. 459) e “Funeral of Robert Southey” (*In Poems by Edward Quillinan*. With a Memoir by William Johnston. London, Edward Moxon, 1853, pp. 217-220).

Over the water, to pretty Lisboa.
Over the water together we go,
To the land where the grapes and oranges grow."⁴⁶

Portugal aparecia-lhe até nos sonhos:

"Of Oxford I never remember to have dreamt, so little has a college life entered into my being. Of Portugal very often. The language of my dreams is almost as often Portuguese as English."⁴⁷

Mesmo quando já instalado em Greta Hall, numa região de grande beleza natural, não deixou de fazer uma comparação com a terra lusitana:

"Nothing in England can be more beautiful than the site of this house. Had this country but the sky of Portugal, it would leave me nothing to wish for."⁴⁸

Mas os obstáculos que o impediram de fixar residência para sempre em Portugal não pararam de surgir e Southey nunca mais voltaria a ver o amado Tejo:

"I would give one eye to blind Fortune if she would let me look on the Tagus with the other."⁴⁹

PORTUGAL, 1796: *THE ONLY PLEASURE I FIND [HERE], IS IN LOOKING ON TO MY DEPARTURE* ⁵⁰

Em 1797 saía a público *Letters Written During a Short Residence on Spain and Portugal. With Some Account of Spanish and Portuguese Poetry*. Obra resultante da primeira vinda de Southey à Península Ibérica, foi composta quando o autor se encontrava já de novo em Inglaterra, valendo-se para isso não só dos apontamentos tirados durante a viagem, mas também das cartas que enviara aos amigos enquanto esteve no estrangeiro. As reflexões de índole variada, as traduções e o estudo das literaturas portuguesa e espanhola por certo

⁴⁶ Carta a Miss Barker (que conhecera em Portugal), de 27 de Novembro de 1805: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 350.

⁴⁷ Carta a Caroline Bowles, datada de 7 de Janeiro de 1805: in EDWARD DOWDEN (ed. lit.), *The Correspondence of Robert Southey with Caroline Bowles. To which are added: Correspondence with Shelley, and Southey's dreams*. Dublin, Hodges, Figgis & Co.; London, Longmans, Green and Co., 1881, p. 368.

⁴⁸ Carta a John May, de Keswick, 22 de Setembro de 1803: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 232.

⁴⁹ Carta a Miss Barker, de 8 de Setembro de 1803: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 231.

que foram redigidos na tranquilidade do lar, e não à medida que deambulava por terras ibéricas.

Apesar deste distanciamento, é lícito considerar, especialmente depois de verificada a extensão das alterações introduzidas pelo autor nas duas edições posteriores e os diferentes pontos de vista que então manifesta, que a edição de 1797 contém as impressões directas que recolheu num primeiro contacto, isentas ainda do trabalho de revisão que vieram mais tarde a sofrer, fruto dos conhecimentos entretanto adquiridos por Southey. Por esta razão, afigura-se inevitável tomar a edição de 1797 como base para a reconstituição da imagem inicial do escritor sobre o nosso país. É o que se fará numa primeira etapa, passando-se depois à comparação com as versões de 1799 e 1808, cotejo que permitirá tirar conclusões quanto à evolução da visão de Portugal tal como Southey a formou e transmitiu.

Antes de mais, importa chamar a atenção para o facto de o *olhar* do autor ter sido bastante influenciado pelos sentimentos de revolta e impaciência de que então se achava imbuído. Se é notória já nele uma poderosa capacidade de observação do modo de ser e de viver dos povos espanhol e português, não é menos verdade que em *Letters* Southey faz apreciações apressadas da realidade peninsular, revelando uma atitude hipercrítica que viria mais tarde a reconhecer como precipitada.

Letters é uma obra escrita na forma epistolar, género por definição aberto a acolher uma grande variedade de temas e questões e, por isso mesmo, frequentemente adoptado por aqueles que quiseram publicar os seus relatos de viagem e dar assim a conhecer aos seus compatriotas sociedades diferentes. Acresce que à carta estava naturalmente associada uma ideia de confessionalismo e veracidade, o que muito interessava aos viajantes, desejosos de que a sua palavra merecesse a confiança dos leitores e não fosse tomada como uma impostura.

É precisamente esta preocupação de conquistar a credulidade do público que leva Southey, logo no prefácio, a declarar peremptoriamente que a sua obra é fidedigna e corresponde àquilo que lhe foi dado observar — “In the following letters I have related what I have seen”⁵¹ —, guiando-se o autor por uma busca escrupulosa da objectividade⁵² que, imediatamente a seguir, e como seria inevitável, reconhece ser conseguível apenas parcialmente: “I have represented things as they appeared to me.”⁵³

Nas treze primeiras cartas de *Letters*, datadas de 13 de Dezembro de 1795 a 20 de Janeiro de 1796, Southey dá-nos a sua visão de Espanha através de notas registadas quase diariamente. Embora não digam respeito ao nosso país, elas reflectem o contacto inicial com

⁵⁰ Carta a Joseph Cottle, de 1 de Fevereiro de 1796: in JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 193.

⁵¹ *Letters*, p. V.

⁵² “I have given facts, and the Reader may comment for himself.”: *Letters*, p. V.

⁵³ *Letters*, p. VI. Sublinhado nosso.

uma realidade que durante séculos a Europa encarou globalmente, pelo que tem interesse sabermos o que pensou Southey da pátria de Lope de Vega, mais a mais que o viajante de visita aos dois países ibéricos dificilmente poderá fugir às comparações.

De um modo geral, Southey não gostou de Espanha e foi com uma certa mágoa que viu desfazer-se a imagem de grandeza e esplendor que trazia à chegada à Península Ibérica, criada pela leitura de obras literárias e históricas. Proveniente de uma nação mais civilizada e conhecedora, nos últimos anos, de um progresso científico e tecnológico sem precedentes nem igualado por qualquer outro país do mundo, Southey não poderia deixar de reconhecer a superioridade da Inglaterra face à pobreza e ignorância generalizadas que veio encontrar em Espanha, e, mais tarde, em Portugal.

Foi na gente humilde dos campos que Southey detectou as virtudes da simplicidade, honestidade e amor ao próximo, bem assim como um modo de ser sociável e simpático, que, admitiu, não fazia parte do carácter dos seus compatriotas. Mas estas pessoas ligadas à terra eram apenas uma honrosa excepção dentro de uma sociedade inculta, atrasada e presumida. Os fidalgos surgiram-lhe como exemplos de futilidade e arrogância, tristes descendentes dos seus gloriosos e empreendedores antepassados. Quanto ao clero, Southey viu-o não só como causador da estagnação intelectual do país, por ser ignorante e avesso à inovação, mas também como o principal responsável pela depravação moral e de costumes existente na sociedade espanhola. Não só registou a transgressão frequente da regra do celibato, como ficou com a impressão de que a vida dentro dos conventos de freiras decorria mais de acordo com princípios mundanos do que espirituais.

Talvez alertado por opiniões de outros viajantes, que eram particularmente sensíveis a este aspecto, não escapou a Southey o carácter profundamente crente e supersticioso dos povos ibéricos. Por todo o lado deparou com imagens de santos, gravuras e crucifixos, demonstrações de um fervor religioso que muitas vezes roçava o fanatismo. Apercebeu-se de que a Igreja exercia sobre a população um poder despótico, do seu ponto de vista, valendo-se da fé das pessoas para benefício da própria instituição. Por aquilo que viu e pelos contactos que estabeleceu, em poucos dias Southey havia já encontrado motivos suficientes para fundamentar e fortalecer os preconceitos desfavoráveis ao Catolicismo que trouxera consigo de Inglaterra.

Igualmente explorador do povo era o Estado. Mal governada e administrada, por toda a Espanha observou Southey sinais evidentes de pobreza e criminalidade, como o contrabando e a ladroagem, a que a justiça não punha cobro por ser totalmente inoperante.

À degradação das cidades e aldeias, à miséria das gentes, juntou o autor comentários à falta de beleza física dos espanhóis⁵⁴, à

⁵⁴ Sobre a fisionomia dos portugueses nada adiantou; nem mesmo os olhos negros das raparigas, elogiados por diversos viajantes, o atraíram. Ficou-se antes pelo anotar de casos vários de uma fealdade espantosa.

deselegância e exagero de ornamentos do seu vestuário e à falta de asseio das pessoas, das habitações e dos lugares. Desde a infância educado pela tia *Miss Tyler* no culto da higiene, Southey sentiu verdadeira repugnância pelas ruas repletas de lixo, que só o vento varria, e pelas inúmeras pousadas em que pernitoou. A falta de qualquer tipo de conforto incomodou-o; mas foram sobretudo a densa população de pulgas por centímetro quadrado de colchão e as investidas dos mosquitos que mais o molestaram. A toada monocórdica dos guizos das mulas⁵⁵ nos estábulos, o miar dos gatos, o ruído dos ratos nos telhados e o barulho das rodas dos carros-de-bois completavam a música de fundo que impossibilitava um sono tranquilo e reparador.

Eram estas as “comodidades” dos albergues nocturnos espanhóis — e também portugueses⁵⁶ — que os viajantes estrangeiros não se cansaram de descrever. E um acompanhante de Southey neste trajecto fazia notar, com graça, que os crucifixos colocados por cima das cabeceiras das camas deveriam ser “to the memory of the last traveller devoured by the bugs.”⁵⁷

Também a comida espanhola foi, para Southey, uma descoberta desagradável: achou o azeite rançoso, o vinho geralmente de má qualidade, o cheiro a alho demasiado intenso, a carne esturricada e o costume de comer gatos verdadeiramente chocante para uma pessoa que, como ele, adorava estes felinos.⁵⁸

O amor que Southey nutria pelos animais levou-o igualmente a reprovar a festa-brava, a que teve oportunidade de assistir em Madrid. A tourada, a largada de novilhos e o combate entre um javali e cães, que compuseram o espectáculo, pareceram-lhe bárbaros e não pôde deixar de se interrogar sobre a viabilidade de um país que tinha tais divertimentos nacionais.

Outra forma de entretenimento que Southey manifestou vontade de conhecer foi o teatro, e, por duas vezes, enquanto esteve em Espanha, aventurou-se a ir ver comédias. A primeira das experiências teve lugar em Madrid — cidade que lhe desagradou completamente, quer pela falta de comodidades, quer ainda pelo elevado custo de vida — e não terá sido memorável, por quanto não nos dá sobre ela

⁵⁵ No estreito contacto dos espanhóis com as mulas encontrou Southey uma possível explicação para um defeito que, diz, todos eles tinham, independentemente da classe social: a telmostia. Certa vez, as mulas serviram-lhe até para uma comparação de mau gosto, nada lisonjeira para a sua mulher, Edith: “I thought Edith wrong in attempting it, but she chose to go — and having been in Portugal I knew it was difficult to make a Mule change her mind.” (in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 275).

⁵⁶ No trajecto entre a fronteira e Lisboa, Southey teve oportunidade de experimentar as estalagens portuguesas que, apesar de tudo, achou melhores do que as espanholas.

⁵⁷ *Letters*, p. 39.

⁵⁸ Também à alimentação em Portugal Southey não se refere em pormenor, tendo aludido apenas à falta de batatas que, segundo diz, não se davam bem no nosso país, e à má qualidade da carne de carneiro; mostra ainda surpresa perante o apetite devorador dos portugueses na véspera do Dia de Páscoa, após um penoso jejum (cf. *Letters*, p. 499).

quaisquer pormenores. Já na Corunha Southey encontrou motivos de sobra para se divertir. Uma vez que não dominava a língua, a sua atenção foi-se prendendo a curiosidades como o facto de o público se distribuir pela sala consoante a classe social, havendo uma total e rígida separação entre homens e mulheres; as vestes sujas dos actores e o seu aspecto duvidoso; o trabalho do ponto que, colocado a meio do palco na sua caixa, ia lendo, em voz tão alta quanto a dos actores, toda a peça, reagindo violentamente a qualquer tentativa de improvisar; ou a maneira engenhosa como um homem fazia subir o pano, atirando-se do tecto preso a uma corda.

Embora a pobreza cultural fosse notória, para o que muito contribuía a acção da censura, Southey deu-se conta de que um renascimento do gosto pela literatura estava em marcha, pois encontrou à venda traduções de autores ingleses e edições recentes das obras dos melhores poetas espanhóis, os quais, menos de um mês após a sua chegada, já se achava, não sem presunção, capaz de ler e entender.

Se optámos por salientar aqui os aspectos da vida espanhola que mais desagradaram a Southey e o deixaram mal impressionado, foi com a intenção de mostrar que a imagem negativa que ele viria em breve a formar sobre Portugal mais não é do que o prolongamento de uma visão que começou logo à chegada à Península Ibérica. Na verdade, em Espanha o viajante encontrou em quase tudo razões de queixa, excepção feita ao clima e à paisagem, ou seja, aquelas realidades em que o homem não pode intervir ou que ainda não alterou.

Para um inglês, habituado ao frio, à chuva e à neblina, a luz e amenidade do clima espanhol não podiam deixar de parecer bençãos maravilhosas. Também a variedade e novidade dos cenários naturais o fascinaram, o que, partindo de uma sensibilidade romântica, não nos surpreende. Serão igualmente o clima e a paisagem dois dos poucos aspectos portugueses que lhe merecerão palavras elogiosas, como adiante se verá. Por ora, retome-se o itinerário do autor, de modo a podermos constatar as diferenças que de imediato Southey detectou entre ambos os países e as suas gentes.

Depois de ter atravessado a zona “infernai” da fronteira, Southey viu-se finalmente em Portugal, feliz “to have escaped from Spain”⁵⁹. O emprego do verbo «to escape» dá-nos por si só uma ideia clara do que representou para o escritor a estada em Espanha. Ainda em Badajoz, Southey começou logo a aperceber-se da animosidade entre os dois povos e, após ter entrado no nosso país, em 21 de Janeiro, continuou a dar-se conta dessa rivalidade, traduzida por exemplo nos insultos dirigidos a Manuel Mambrino, o barbeiro de Oviedo que acompanhou Southey tanto nesta sua primeira visita, como mais tarde, em 1800-1801. Este e outros incidentes, bem como o provérbio espanhol “Strip a Spaniard of all his virtues and you make a Portuguese of him”⁶⁰, de

⁵⁹ *Letters*, p. 242.

⁶⁰ *Letters*, p. 288.

que o escritor teve conhecimento, foram suficientes para Southey divisar esta inimizade e levaram-no à formulação de um ditado de sua própria autoria: "add hypocrisy to a Spaniard's vices, and you have the Portuguese character."⁶¹

Já em Lisboa, Southey teve mais uma vez oportunidade de testemunhar o mau conceito que os portugueses faziam dos naturais do país vizinho, particularizando desta feita os provenientes da Galiza. Foram vários os viajantes estrangeiros que notaram a presença, na capital portuguesa, de um grande número de galegos, a quem cabia a execução de tarefas humildes. Também a Southey eles não passaram despercebidos, tecendo-lhes até o autor um rasgado elogio por serem bastante trabalhadores, precisamente a qualidade pela qual eram discriminados pelos portugueses, que lhes entregavam as ocupações mais pesadas e os tratavam com presunção.

A arrogância é, aliás, um traço distintivo do carácter dos lusitanos de que muitos visitantes do século XVIII se fizeram eco, ao qual se tornou costume juntar outros como a preguiça, o ciúme, a vaidade, a ignorância, a desonestidade, a hipocrisia, a supersticiosidade e a índole vingativa. De um modo geral, Southey veio a concordar com esta má imagem que livros de viagens anteriores ao seu tinham divulgado, como é o caso da obra *Sketches of Society and Manners in Portugal*, assinada por Arthur William Costigan (1787), pseudónimo do escocês James Ferrier⁶², que Southey leu e considerou "a book, so romantic, apparently — really so true!"⁶³, acrescentando-lhe ainda o temperamento brigão e traiçoeiro, a aversão a qualquer tipo de inovação, a moral dissoluta e a falta de hábitos higiénicos, que, como já vimos, eram defeitos partilhados pelos vizinhos espanhóis.

A uma última particularidade dos portugueses se refere Southey: a atitude de desconfiança em relação aos estrangeiros, que ele bem sentiu, por ser um forasteiro. A razão de tal aspereza de tratamento, no que dizia respeito aos britânicos, achou-a o autor no ressentimento causado pela influência que a Inglaterra tinha nos destinos de Portugal, bem nos termos do Tratado de Methuen (1703), extremamente desvantajoso para nós, como Southey ouviu argumentar.⁶⁴ Ao contrário, porém, do que faz a propósito de aspectos da sociedade portuguesa que não lhe agradam, Southey não tece sobre estes assuntos quaisquer comentários críticos.

É certo que deixara claro logo no prefácio que não era sua intenção fazer incursões nos domínios da política e do comércio de Portugal; mas uma leitura de *Letters* mostra que, ocasionalmente, o autor se viu obrigado a focar esses campos, ainda que com superficialidade. Na

⁶¹ *Letters*, p. 289.

⁶² Sobre este livro de viagens sobre Portugal, veja-se o nosso artigo: MARIA ZULMIRA BANDARRA DE SOUSA, "O relato de viagem de Costigan sobre Portugal", in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas. Número 2, 1992, pp. 79-104.

⁶³ *Letters*, p. 397.

⁶⁴ *Letters*, p. 546.

verdade, o leitor depara por vezes com apreciações ao mau funcionamento das instituições políticas, acusadas por Southey de ineficiência e lentidão. A Corte é especialmente apontada como a responsável pelo estado de decadência e ignorância em que se encontra o país, e várias são as alusões à loucura da Rainha D. Maria I.

Relativamente aos governantes, o autor apenas destaca o Marquês de Pombal, como era aliás comum nos livros de viagens de autoria inglesa da segunda metade de Setecentos. A vida de Sebastião José de Carvalho e Melo, bem assim como as medidas por ele tomadas, mereceram a Southey muitas reflexões, que culminaram num juízo simultaneamente reprovador e elogioso: "Pombal, though a great villain, was a great Minister."⁶⁵

Para um homem com forte inclinação para a investigação histórica, como Southey, seria difícil não incluir no seu livro uma panorâmica do estado político e económico de Portugal, e, efectivamente, foi isso que acabou por fazer em cerca de meia centena de páginas a que deu o título "On the State of Portugal".⁶⁶ Segundo palavras do próprio autor, trata-se do resumo de "a very curious paper, written about 1740, by a Portuguese Secretary of State, and containing his plans for the improvement of Portugal."⁶⁷ Ora, o manuscrito a que Southey se refere e que corresponde, de um modo perfeito, às opiniões que este inglês formara sobre o nosso país, tem por título *Instruções Inéditas de D. Luís da Cunha a Marco António de Azevedo Coutinho* e foi escrito precisamente por D. Luís da Cunha (1662-1749), diplomata de prestígio, autor que Southey só identifica na terceira edição de *Letters*.

Tendo contactado com outras nações mais avançadas e apostado em contribuir, de forma actuante, para o progresso económico e cultural do seu país, apontando os males e os atrasos e propondo soluções e reformas, D. Luís da Cunha redigira um texto que, pela sua lucidez e sentido crítico, muito interessou a Southey, por servir para mostrar como, em apenas algumas semanas, ele se apercebera dos mesmos problemas sociais que aquele português ilustre detectara ao longo dos anos.

O resumo que Southey apresenta revela a preocupação em seleccionar aqueles aspectos susceptíveis de captar a atenção do leitor estrangeiro: assim, são destacadas as passagens em que o diplomata se refere ao enorme poder da Igreja e ao grande número de ordens religiosas existentes em Portugal, segundo ele uma das causas do atraso nacional. As críticas que D. Luís da Cunha faz ao clero, acusando-o de parasita e explorador da credulidade do povo, bem como a opinião de que os poderes do Tribunal do Santo Ofício deveriam ser limitados, decerto agradaram a Southey, que sempre detestou a religião católica romana.

Os judeus, sobre os quais o político português tece longas considerações, interessaram-no igualmente, e, por isso, não só repro-

⁶⁵ *Letters*, p. 316.

⁶⁶ Vd. *Letters*, pp. 408-463.

⁶⁷ *Letters*, p. 407.

duziu os pontos de vista do embaixador, nomeadamente a sua defesa da liberdade de consciência para os que professassem o judaísmo, como ainda reservou toda a "Letter XIX" do seu relato para esse assunto.⁶⁸

Curioso é ainda que Southey não tenha omitido a posição de D. Luís da Cunha face à Inglaterra aliada, divulgando quer as suas expressões de admiração pela industriiosidade dos ingleses, quer a sua reprovação relativamente ao Tratado de Methuen, que o autor de *Letters*, mais uma vez, não comenta, o que não deixa de ser significativo, já que se tinha por um homem defensor da justiça.

Cabe aqui lembrar, porém, um facto importante, resultado da sua vinda à Península Ibérica, e que talvez explique a atitude menos crítica em relação à Inglaterra: o amor à pátria que em Southey estão despertou. Na realidade, se antes se tinha revelado simpatizante dos ideais da Revolução Francesa e o país natal lhe parecera opressor, agora, ao contacto com nações pouco desenvolvidas, dava graças a Deus por ser inglês. Isto não significa, no entanto, que não se mostre desagradado com o convívio com os seus compatriotas, a que se viu forçado em Lisboa, e que consitui uma outra das condicionantes da sua visão de Portugal nesse ano de 1796.

Com efeito, a relativa pobreza de dados que Southey transmite acerca do carácter, costumes e modo de vida do povo português, quando comparados com os que o autor registou sobre os espanhóis, decorre em grande medida do facto de, em Lisboa, quase só ter contactado com os membros da British Factory ali estabelecida. Enquanto que em Espanha Southey esteve de passagem, tendo por isso percorrido estradas, pernoitado em estalagens e entabulado conversa com os naturais das diferentes terras, em Portugal instalou-se em casa do tio, na capital, resumindo-se o seu convívio social quase só ao círculo de ingleses aqui residentes.

Consequentemente, não se encontram nas dezassete cartas que o autor dedica ao nosso país os episódios divertidos e os comentários irónicos de uma pessoa que, em viagem, a todo o momento depara com o curioso, o inesperado, o estranho ou o exótico. Falta ao seu relato sobre Portugal o tom ligeiro e a riqueza de pormenores do dia a dia, bem como os dados sobre a história, a geografia, o governo, as intuições, os monumentos, etc., que davam a muitos dos livros de viagens daquele tempo o carácter de guia turístico que o público tradicionalmente procurava. O que ficou foi, antes, uma visão personalizada e uma organização da obra feita sobretudo de acordo com os interesses do autor.

Ficou também uma imagem bastante completa da numerosa e fechada colónia britânica de Lisboa, da qual o Reverendo Herbert Hill foi capelão entre 1792 e 1807. Pela circunstância de estar a morar em casa do tio, Southey viu-se condenado a ter na capital portuguesa o mesmo tipo de vida social que já o entediava em Inglaterra e, por isso,

⁶⁸ Vd. *Letters*, pp. 311-325, onde Southey traça uma breve resenha da história dos judeus na Península Ibérica.

aborreceu-se profundamente, acabando por criticar os ingleses da mesma forma que apreciou negativamente os lusitanos.

A partir do momento em que chegou, viu-se obrigado a cumprir o cerimonial da sua apresentação à comunidade britânica, o que lhe pareceu um autêntico purgatório; e dali em diante, mais não sentiu do que aborrecimento com os serões em que se ouvia música, dançava, jogava às cartas, namoriscava, conversava sobre frivolidades ou se faziam intrigas, passatempos para os quais o jovem Southey não possuía qualquer inclinação. Por isso as palavras desagradáveis com que se refere à população da capital — e destacaríamos a célebre frase “Here I am among the Philistines”, incluída numa carta a Joseph Cottle, datada de 1 de Fevereiro de 1796⁶⁹, escolhida por Rose Macaulay para servir de título ao capítulo que dedicou a Southey na sua obra, bastante conhecida, *They Went to Portugal* (1946)⁷⁰ — parecem aplicar-se muito mais aos seus compatriotas, do que aos naturais de Lisboa, com os quais pouco contactou.

Tendo em vista estas considerações, poderia deprender-se que Southey viveu isolado do país que visitou, cercado como esteve de uma comunidade igual à que sempre conhecera. Mas, na realidade, esse facto não o impediu de analisar e comentar o mundo que o rodeava. Os aspectos em que mais se demora são geralmente aqueles que os forasteiros costumavam realçar, pelo seu carácter insólito ou chocante, como são os casos da justiça, geralmente inoperante ou precipitada, que deixava impunes os muitos assaltantes e assassinos, ou da medicina, exercida por médicos que nada sabiam do seu ofício e desacreditada pelos doentes, que preferiam considerar as melhoras que sentiam como obra de Deus e não como resultado da eficiência dos clínicos.

Mais gritante e merecedora de acesas críticas se lhe afigurou, porém, a situação religiosa portuguesa, razão pela qual o Catolicismo é um dos principais temas tratados em *Letters*.⁷¹ Para Southey, como para os outros ingleses que também nos visitaram, Catolicismo e superstição confundiam-se e eram responsáveis pelo estado de atraso e ignorância existente. Foram frequentes as oportunidades desfrutadas pelo autor para poder dar-se conta do fanatismo religioso dos portugueses, tendo chegado à conclusão de que a superstição grassava mais na província do que nas cidades.

Southey tinha esperança de que as diferentes formas de crendice popular haveriam de desaparecer a curto prazo mas, enquanto as pessoas continuassem a acreditar na palavra do clero, este manteria

⁶⁹ In JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 193.

⁷⁰ “A Romantic Among the Philistines”, in ROSE MACAULAY, *They Went to Portugal*. Harmondsworth, Penguin Books, 1985, pp. 143-165.

⁷¹ Jack Simmons chamou a atenção para o papel determinante que a vinda à Península Ibérica desempenhou na formação de Robert Southey: “Above all, he learnt from what he saw in the Peninsula to despise and hate the Roman Catholic church: this was, indeed, one of the most important effects the journey had upon him.” (In JACK SIMMONS, *Southey*. London, Collins, 1945, p. 61).

o seu poder e influência ilimitados, o que se revelava extremamente nefasto, a seu ver, para a sociedade portuguesa.

Foi em particular contra o tipo de vida levado pelos frades nos mosteiros que Southey se insurgiu, resultando das suas apreciações um retrato bastante negro que inclui acusações de ignorância, vício, corrupção, roubo, exploração da fé cega dos crentes e até assassinato.⁷² Também as manifestações religiosas públicas não escaparam à observação severa do autor, havendo em *Letters* variadíssimas críticas a romarias, procissões, sermões e adoração de santos.

A superstição e o fanatismo que encontrou nos poucos portugueses com quem se deu fizeram Southey desinteressar-se pelas gentes da cidade de Lisboa. Contudo, esforçou-se por conhecer as ruas da capital, os seus monumentos e os lugares tradicionalmente visitados pelos estrangeiros, transmitindo-nos, de um modo geral, a mesma imagem pouco atraente que outros viajantes já tinham posto a circular, mas muito menos pormenorizada, pois Southey não está grandemente preocupado em satisfazer as exigências do público leitor pondo à sua disposição a maior quantidade possível de informações úteis. Foram as paisagens naturais de Almada, Arrábida e Sintra que o fascinaram, e não o meio lisboeta, por isso a capital poucas descrições lhe suscitou.

Logo na primeira noite em que dormiu na cidade, Southey foi acordado às cinco horas da madrugada por um tremor de terra, o que, como se compreende, não o predispôs para ficar com uma boa impressão de Lisboa. Curiosamente, porém, uma vez que estamos a par do gosto de Southey pela investigação histórica, tal experiência não o conduziu à abordagem de um assunto que habitualmente era tratado nos livros de viagens de autoria estrangeira sobre Portugal, o Terramoto de 1755, o que provavelmente decorre do pouco interesse que a nossa capital então lhe despertou. Ainda assim, explica a etimologia do topónimo Lisboa e fornece dados estatísticos sobre o decréscimo gradual da população portuguesa, o que evidencia um certo esforço de pesquisa.

Apreciador dos passeios a pé — “I walked — for you know, I am what our friend T. calls a great *pedestal*”⁷³ —, é fácil imaginar Southey a deambular por Lisboa, pronto a registar tudo aquilo que mais tarde lhe iria servir de base para a elaboração do seu relato de viagem. Duas características naturais lhe mereceram de imediato elogios: a situação geográfica privilegiada da cidade e o clima estupendo. Estas qualidades, porém, não conseguiram anular a má sensação causada pela falta de asseio e de conforto, bem como pelo grande número de mendigos com que se cruzou a cada passo, pedindo esmola e expondo aos olhos dos transeuntes as chagas e as deformidades dos seus corpos.

As ruas estreitas, mal conservadas, onde o lixo se acumulava por força do hábito do “água-vai”, exalando um cheiro pestilento, pareceram-lhe horrorosas:

⁷² Cf. *Letters*, pp. 403-405.

⁷³ *Letters*, p. 29.

“The filth of this city is indeed astonishing; every thing is thrown into the street; and all the refuse of the kitchen, and dead animals are exposed to these scorching suns.”⁷⁴

A inexistência de uma rede de esgotos; o não escoamento das águas, que tornava as ruas extremamente perigosas pelas torrentes que se formavam nos dias de muita chuva; a ausência de iluminação pública e de policiamento; as pragas de mosquitos e formigas; e as numerosas matilhas de cães vadios esfomeados que percorriam as vias públicas, acabando por funcionar como um sistema de limpeza, foram outros aspectos que concorreram para que Southey tivesse detestado Lisboa. No entanto, com o decorrer dos anos, viria a conhecer cidades ainda mais fétidas do que a nossa capital, como Genebra e Amsterdão.⁷⁵

Para além destas facetas do quotidiano da cidade, Southey atentou igualmente nos edifícios que nesta época de reconstrução evidenciavam a existência de dois tipos de arquitectura. Sobre a parte mais antiga da capital falou apenas das ruas estreitas e sujas, mas já no que diz respeito à Lisboa pombalina Southey dirige críticas às igrejas mandadas construir pelo Marquês de Pombal, todas elas parecidas com vulgares casas.

Menciona ainda a nobreza da estátua equestre de D. José, salientando o facto de lhe ter sido retirado o busto do ministro Sebastião José de Carvalho e Melo após a morte do Rei; e refere a Igreja da Memória, relatando os acontecimentos históricos que estiveram na origem da sua construção, bem como o Sítio do Chão Salgado.

Outros lugares turísticos que visitou em Lisboa foram o Aqueduto das Águas Livres, que o deixou agradavelmente surpreendido⁷⁶, Igreja de S. Roque, para cujos painéis de azulejos chamou particularmente a atenção, a Basílica da Estrela, a Igreja de Santo António da Sé, onde viu a capela erguida no lugar onde o santo nasceu, e as várias atracções da zona da Ajuda, como o Museu, onde ficou impressionado com a colecção de pássaros, e o Jardim Botânico, havendo ainda lugar para uma alusão ao Paço Velho da Ajuda, ou seja, o palácio provisório, feito de madeira, mandado contruir por D. José a seguir ao Terramoto de 1755 com o intuito de tornar a habitação real menos vulnerável a

⁷⁴ *Letters*, p. 263.

⁷⁵ Cf. Carta a Edith Southey, de 11 de Junho de 1817: “Wednesday we halted to see this famous, most ugly, most odd, and most striking city [Geneve], compared to which Lisbon is a city of sweet odours.” (in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. IV, p. 269); e carta a Walter Savage Landor, de 21 de Fevereiro de 1827: “Holland is to me a very interesting country. Except Amsterdam, which outstinks Lisbon, I like everything in it.” (*Ibidem*, vol. V, p. 288).

⁷⁶ Para além da imponência, esta construção interessou a Southey também por ser junto dela que a seita dos Sebastianistas se costumava reunir: vd. *Letters*, p. 520.

Uma outra vez veio Southey a referir-se aos Sebastianistas, desta feita com muito mais pormenor: vd. *History of the Peninsular War*. 3 vols. London, John Murray, 1823-1832, vol. I, pp. 134-135.

sismos, e que em Novembro de 1794 fora completamente destruído por um incêndio.

Estas visitas serviram-lhe, aliás, para se dar conta da falta de protecção do património cultural português: não só notou a má organização do Museu, como o estado de abandono a que estavam condenados os animais selvagens, muitos deles provenientes das colónias africanas, que se encontravam reunidos numa espécie de jardim zoológico situado na vasta cerca do Palácio Real de Belém.

Por forma a obter uma panorâmica diversificada da vida cultural portuguesa, Southey procurou também informar-se sobre a nossa música, teatro e literatura. Embora se considerasse "no lover of music"⁷⁷, não deixou de assistir a uma ópera italiana, embora detestasse tal divertimento por condenar veementemente o cunuquismo. Do teatro, diz-nos apenas que D. Maria I não permitia que as mulheres pisassem os palcos, em nome da moral e dos bons costumes, razão que o autor entendeu como uma desculpa para esconder o verdadeiro motivo: o ciúme da rainha. A literatura, pelo contrário, mereceu-lhe um grande número de referências, o que, vindo de um poeta, como Southey se definia na altura em que nos visitou, não é de estranhar.

Enquanto aqui permaneceu, no ano de 1796, não consta que tivesse contactado com qualquer escritor português. Segundo o autor, apenas travou conhecimento com o poeta de origem italiana Angelo Talassi⁷⁸, que nos finais do século viera para Portugal e passara a estar ao serviço de D. Maria I. Southey, que há muito acalentava o desejo de ouvir um improvisador, entusiasmou-se com este encontro, mas, ao ouvi-lo declamar, depressa se desiludiu ao perceber que o suposto dom de Talassi em nada mais consistia do que no truque de usar *clichés* previamente decorados e aos quais recorria de acordo com as ocasiões e o auditório.

Foi em casa do tio Hill que Southey viu pela primeira vez Angelo Talassi, e foi lá igualmente que se iniciou no estudo da literatura portuguesa, que nunca viria a abandonar. É certo que o nome de Camões lhe era já familiar, mas quanto a tudo o resto o autor inglês era então um perfeito ignorante, o que não admira, pois as nossas letras encontravam-se, à data, muito pouco divulgadas em Inglaterra.

Pode dizer-se que só a partir de 1655, quando da publicação de *The Lusiad, or Portugals Historicall Poem*⁷⁹, a primeira tradução de *Os Lusíadas*, feita por Sir Richard Fanshawe (1608-1666), a literatura portuguesa começou a ser conhecida naquele país, e mesmo assim por um grupo restrito de pessoas. Antes disso, haviam sido essencialmente vertidos para o inglês relatos dos navegadores e conquistadores lusos, bem como os romances de cavalaria *Amadis de Gaula*, *Palmeirim de Inglaterra* e *Los Siete Libros de Diana*, pensando-se no entanto que eram de autoria espanhola.

⁷⁷ *Letters*, p. 23.

⁷⁸ Pai de Catarina Talassi e avô de Carlota Talassi, ambas actrizes célebres.

⁷⁹ *The Lusiad, or Portugals Historicall Poem: written in the Portugall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English by Richard Fanshawe*. London, Humphrey Moseley, 1655.

Já na segunda metade do século XVIII a divulgação da literatura portuguesa além-Mancha conheceu um novo impulso, para o que em muito contribuíram os viajantes que então visitaram o nosso país, alguns dos quais se referiram a outros nomes importantes das letras lusitanas, sem darem, porém, uma visão de conjunto.⁸⁰

Entretanto, em 1776, eis que sai a público nova versão inglesa de *Os Lusíadas*, desta feita da autoria do escocês William Julius Mickle (1734-1788): *The Lusiad; or, The Discovery of India*.⁸¹ Tendo alcançado um assinalável êxito, esta tradução estabeleceu definitivamente a reputação do grande épico português e deu início a debates sobre a sua obra. Foi através deste trabalho de Mickle, aliás, que Southey tomou pela primeira vez contacto com assuntos lusitanos.

Antes de o autor de *Letters* passar a interessar-se pela nossa literatura e pela maior das suas figuras, a projecção de Camões em Inglaterra teve ainda outros desenvolvimentos que importa sublinhar. Por um lado, à imagem do poeta épico juntou-se a do lírico de grande valor, graças à publicação da obra *An Essay on Epic Poetry; in five epistles to the Revd. Mr. Mason. With Notes* (1782), de William Hayley (1745-1820), onde este autor elogia a poesia lírica de Camões e traduz três dos seus sonetos; por outro, começa a notar-se uma grande curiosidade em relação à triste biografia do épico — aproximavam-se os ventos românticos, que iriam explorar a faceta de Camões como génio perseguido pelo infortúnio.

Robert Southey foi o primeiro inglês a desenvolver consistentemente um trabalho em prol de uma ampla divulgação da literatura portuguesa em Inglaterra, como Félix Walter já realçou em termos categóricos:

“Robert Southey est l’architecte principal de tout cet édifice anglo-portugais, dont ses ascendants littéraires avaient construit la charpente à loisir et un peu au hasard. Avant Southey elle ne consistait à vrai dire qu’en un seul étage, et dans cet étage il n’y avait qu’une pièce qui fût terminée; c’était la chapelle ardente dans laquelle se célébrait le culte de Camões. Il s’est mis à l’oeuvre et avec lui le bâtiment s’est peuplé d’ouvriers.”⁸²

Não foi, contudo, o relato da sua viagem a Portugal em 1796, mas publicações posteriores, que contribuíram decisivamente para essa difusão. Em *Letters*, de facto, deparamos com um Southey para quem nem mesmo *Os Lusíadas* constituem uma obra de elevada qualidade literária:

⁸⁰ É o que faz, por exemplo, James Cavanah Murphy em *Travels in Portugal* (1795), obra resultante da visita que efectuou ao nosso país entre 1789 e 1790.

⁸¹ *The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens*. Oxford, Jackson and Lister, 1776.

⁸² *La Littérature Portugaise en Angleterre à l’Époque Romantique*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927, p. 56.

"I will venture to assert that there is more genius in one of our old metrical Romances than can be found in all the Epic Poems of Portugal, not excepting Camoens."⁸³

Assim, o que importa salientar, neste domínio, em relação às quinhentas e cinquenta e uma páginas que compõem este seu livro, é o facto de o autor ir referindo aqui e ali escritores espanhóis e portugueses, chegando mesmo a transcrever algumas das suas composições e a resumir outras mais longas. No que diz respeito à literatura portuguesa, Southey aproveitou, fazendo acompanhar de tradução de sua própria autoria, um excerto de *Diana* (1559 ?), de Jorge de Montemor⁸⁴, um madrigal de Fr. Jerónimo Baía⁸⁵ e um soneto de D. Francisco Manuel de Melo⁸⁶, e incluiu ainda extractos e um resumo de *Caramuru, poema epico do descobrimento do Brasil* (1781), de José de Santa Rita Durão, que contém passagens a merecer de Southey a classificação de "horribly sublime"⁸⁷, bem como trechos da obra de Pedro de Azevedo Tojal, *Carlos Reduzido, Inglaterra Illustrada. Poema heroico offerecido á soberana magestade delrey N. S. D. João V.* (1716), inspirada no casamento de Charles II de Inglaterra com Catarina de Bragança, filha de D. João IV, no qual, segundo Southey, o autor português "wasted powers of language and imagination that if properly directed would have ranked him among the first poets in Europe."⁸⁸ De crítica semelhante, curiosamente, viria a ser alvo, postumamente, Southey, quando, em 1856, alguém comentou em *The Quarterly Review* que o escritor inglês desperdiçara o seu talento a tratar de temas ibéricos quando, com muito maior proveito, se deveria ter dedicado a assuntos do seu próprio país:

"His attention became directed to those countries in an especial degree, and he was led to make them the subject of the voluminous works upon which he relied for the larger part of his reputation with posterity [...] The best-laid schemes sometimes turn out the worst; and the journey to Lisbon was — we believe, in its permanent consequences — the most unfortunate step in Southey's life."⁸⁹

Mereceram-lhe ainda um destaque particular dois escritores portugueses de renome, António José da Silva e Luís de Camões, cujos destinos infelizes reforçaram a má imagem que Southey formou do nosso povo:

"They suffered their best epic poet to perish for want; and they burned to death their best dramatic writer, because he was a Jew."⁹⁰

⁸³ *Letters*, p. 482.

⁸⁴ *Letters*, pp. 87-88.

⁸⁵ *Letters*, p. 328.

⁸⁶ *Letters*, pp. 468-469.

⁸⁷ *Letters*, p. 485.

⁸⁸ *Letters*, pp. 331-354.

⁸⁹ *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1856, vol. XCVIII (Mars), pp. 477-478.

⁹⁰ Carta a Joseph Cottle, de 1 de Fevereiro de 1796, in JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 198.

Já atrás foi dito, de passagem, que Southey não apreciava *Os Lusíadas*, ao ponto de ter declarado em *Letters* preferir a tradução de Mickle ao original⁹¹. Posteriormente viria a manter esta mesma opinião, exclusivamente pessoal, em relação à grande epopeia portuguesa, sem se preocupar com o facto de o seu ponto de vista estar em desacordo com o ambiente de culto de Camões que se vivia em Inglaterra. Os seus compatriotas, no entanto, não o seguiram, como provam o trabalho realizado por John Adamson (1787-1855)⁹², por exemplo, e as traduções que de *Os Lusíadas* se fizeram no século XIX⁹³.

Bem diferente, porém, foi a posição de Southey face à lírica camonianiana, como testemunha a carta que enviou a Charles W. W. Wynn, de 23 de Abril de 1796:

"I should have thought Camoens deficient in feeling if I had only read his *Lusiad*; but the sonnets of Camoens are very beautiful: those given by Hayley in his notes to the *Essay on Epic Poetry*, though among the best, are but a wretched specimen to the English reader: the translations are detestable, and the originals so printed as to be unintelligible."⁹⁴

Trata-se do único elogio a uma obra literária portuguesa que se lhe conhece datando do ano em que pela primeira vez esteve entre nós. Nessa época, e apesar de ter procedido a muitas e variadas leituras na biblioteca do tio Hill, as nossas letras pareceram-lhe insignificantes, o que em grande medida resultou do preconceito de encarar como inferior tudo o que não era inglês. Fazendo, no ensaio que em *Letters* dedicou às literaturas espanhola e portuguesa ("Essay on the Poetry of Spain and Portugal"⁹⁵), uma apreciação geral, Southey chega à seguinte conclusão sobre as causas que impediam o florescimento da poesia na Península Ibérica:

"Such then are the causes that have combined to prevent the progress of Poetry in Spain, — the licentious negligence of their most favourite authors, the decline of the

⁹¹ Vd. *Letters*, p. 123.

⁹² John Adamson veio a realizar um trabalho importante no campo dos estudos camonianos, sendo de salientar *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* (1820), a primeira monografia europeia do grande épico português.

Sobre este lusófilo inglês, consultem-se: JOÃO PAULO ASCENSO PEREIRA DA SILVA, *Memórias de Portugal. A obra lusófila de John Adamson*. Ponta Delgada, Eurosigno Publicações, 1990; e *Idem*, "John Adamson e o mito romântico de Camões", in MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA (coord.), *Camões em Inglaterra*. Lisboa, ICALP, 1992, pp. 159-187.

⁹³ Vd. IOLANDA FREITAS RAMOS e ISABEL CRUZ LOUSADA, "Traduções de *Os Lusíadas* em Inglaterra", in MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA (coord.), *Camões em Inglaterra*. Lisboa, ICALP, 1992, pp. 13-67.

⁹⁴ JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law ———. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. 1, p. 26.

⁹⁵ *Letters*, pp. 121-130. Este "Essay" foi suprimido na 2.^a edição, de 1799.

state, the despotism of the government, and an absurd and abominable superstition".⁹⁶

Tendo em conta esta posição fortemente crítica, nada faria supor que no futuro Southey viesse a revelar uma atitude mais aberta e receptiva em relação à literatura portuguesa, mas afinal foi isso que sucedeu. Pouco tempo depois de ter regressado a Inglaterra fazia já planos literários baseados em motivos lusitanos, como confidenciou a Grosvenor Charles Bedford em carta de 31 de Julho de 1796:

"I want to write my tragedies of the Banditti —
Of Sebastian,
Of Íñez de Castro,
Of the Revenge of Pedro."⁹⁷

Southey não chegou a concretizar estes projectos, mas Portugal viria a sugerir-lhe outros que levou a bom termo após a publicação de *Letters*. Não é de estranhar que a edição deste livro de viagens tenha constituído um êxito. Enquanto o autor esteve na Península Ibérica, foi dado à estampa um poema seu, *Joan of Arc* (1796), que lhe granjeou uma certa reputação e mereceu um bom acolhimento por parte dos críticos. Percebe-se, pois, que os leitores tenham ficado motivados para ler futuras obras de Southey e que tenham evidenciado interesse por *Letters*, precisamente a estreia do escritor no domínio da prosa.

Desta convergência de factores resultou uma rápida venda do livro, a ponto de logo no início de 1798 se fazer sentir a necessidade de uma reedição. No ano seguinte surge, então, a segunda edição de *Letters*, a que sucedeu uma terceira, cerca de uma década mais tarde. Para ambas procedeu Southey a um cuidado trabalho de revisão, que acabou por conferir um carácter substancialmente diferente ao seu relato de 1797: retirou todas as passagens em que tecera considerações precipitadas ou mais severas, ou em que abordara assuntos para os quais não estava minimamente preparado, melhorou a sintaxe do seu discurso e corrigiu a ortografia dos termos portugueses que, na primeira edição, mostrara não dominar. O resultado destas modificações foi, em termos de imagem do estrangeiro, uma visão menos drástica de Portugal.

Para esta mudança de atitude concorreu, por certo, a leitura dos muitos livros sobre assuntos peninsulares que o acompanharam no seu regresso à pátria, bem como dos que o Reverendo Hill lhe continuou a enviar de Portugal⁹⁸. O estudo e a reflexão ter-lhe-ão

⁹⁶ *Letters*, pp. 129-130.

⁹⁷ In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 287.

⁹⁸ Mesmo depois de 1801, ano em que Southey abandonou Portugal pela segunda e última vez, continuou a receber em Inglaterra livros de autores portugueses: "I have just received a most valuable book from Lisbon, the unpublished Chronicle of Fernando, by Fernam Lopes, a Mss., by its appearance as old as the original work — from 250 to 300 years old." In JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 204.

mostrado que formulara juízos críticos exagerados ou levianos, faltas essas que procurou remediar através dos acrescentamentos e omissões patenteados por *Letters II* e *Letters III*. Como Southey veio a perceber, a sua primeira reacção a Portugal fora em quase tudo semelhante à de outros viajantes estrangeiros que aqui já tinham vindo, e foi só com uma segunda visita ao nosso país em 1800-1801, antes, portanto, da terceira edição de *Letters*, aliada a uma aturada investigação histórica e literária, que acabou por reconhecer e apreciar as boas qualidades dos portugueses:

“Travellers, forming their hasty estimate from the inhabitants of sea-ports and great cities, have too generally agreed in reviling the Portugueze and the Spaniards: but if they whose acquaintance with these nations was merely superficial have been disposed to depreciate and despise them, others who dwelt among them always became attached to the people, and bore willing and honourable testimony to the virtues of the national character.”⁹⁹

Tendo tido, pois, oportunidade de rever a sua posição face a Portugal, Southey veio, aliás, a lamentar ter publicado o seu relato de viagem com tanta prontidão, admitindo que a imagem que transmitira deste país ibérico fora pouco amadurecida:

“My own Letters I dislike, because they would have been so infinitely better had I kept them unpublished till this time.”¹⁰⁰

A primeira diferença que salta à vista quando se compara a edição de 1797 com as de 1799 e 1808 é, desde logo, o título. No que diz respeito à segunda, Southey chamou-lhe apenas *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, suprimindo “With some account of Spanish and Portugueze Poetry”. Consequentemente, não se encontram na segunda edição alguns dos poemas por ele traduzidos e incluídos na primeira, mas, em contrapartida, a edição de 1799 apresenta, em nota, cinco novas composições poéticas, sendo quatro delas traduções do espanhol e apenas a última um original do próprio Southey, inspirado na visita que fez ao Convento dos Capuchos, em Sintra: “Inscription for a Hermitage”¹⁰¹. Para além desta alteração, é de referir também a omissão, na edição de 1799, das páginas de *Letters* em que fizera distinções entre poetas espanhóis e portugueses e em que aqueles saíam, por comparação, sobrevalorizados¹⁰², pos-

⁹⁹ ROBERT SOUTHEY, *History of the Peninsular War*. 3 vols. London, John Murray, 1823-1832, vol. I, p. 11.

¹⁰⁰ Carta a Miss Barker, de 6 de Julho de 1805, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —, 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 331.

¹⁰¹ Vd. *Letters II*, p. 374.

¹⁰² Vd. *Letters*, pp. 373-377.

sivelmente porque entretanto tomara consciência de que depreciara demasiado a literatura portuguesa. Ainda assim, reitera, num acrescentamento à segunda edição, o seu desagrado em relação a *Os Lusíadas*:

“Sensuality is certainly the vice of the Portuguese. The debauched imagery of Camoens, his island of Love, and Venus the protector of Gama, prove that they pique themselves on their debaucheries of this kind.”¹⁰³

Na terceira edição foram mantidas as supressões efectuadas aquando da edição de 1799, tendo Southey ido ainda mais longe ao eliminar também a “Letter XXVI” da primeira edição¹⁰⁴, onde dava notícia das traduções de obras inglesas existentes em Portugal, para além de incluir dados sobre literatura e música portuguesas. Pode dizer-se que, com esta revisão final, Southey pretendeu evitar que o leitor ficasse com uma má ideia da nossa literatura, preocupação que evidenciara já em 1799.

Mas não foi apenas em relação à literatura que o autor modificou a sua reacção inicial. Também sobre os portugueses, o seu governo e a sua religião isso aconteceu, fruto, novamente, de uma maior ponderação e conhecimento, aumentado, claro está, pela segunda estada em Portugal: será esta, provavelmente, a razão porque o título da terceira edição de *Letters* sofreu uma mudança, bem significativa da mais profunda ligação de Southey ao nosso país — *Letters written during a Journey in Spain, and a Short Residence in Portugal*.

Assim, a comparação entre as três edições mostra claramente que o escritor pretendia apresentar uma visão mais moderada de Portugal também no que dizia respeito às suas gentes e instituições, o que procurou atingir não só através da supressão de passagens onde fizera comentários desagradáveis e às vezes até mesmo insultuosos, mas igualmente por meio de alterações de vocabulário, como, por exemplo, a mudança na qualificação de “depraved society”¹⁰⁵ para “mistaken system of society”¹⁰⁶.

Esta imagem menos sombria da sociedade portuguesa estende-se, como já se disse, ao domínio da religião. O termo *diabolical*, que Southey usara com liberalidade na edição de 1797 para caracterizar certos aspectos da vida religiosa do nosso país, foi, posteriormente, substituído por vocábulos menos fortes, e, por vezes, até desapareceu do relato de viagem; o mesmo sucedeu com a palavra *bigotry*, que surge trocada por *devotion*. Mais importantes do que estes exemplos de pormenor, porém, são as omissões, na edição de 1808, da “Letter XVI. Reflections on the Monastic Life. Story of an English captain. Institutions somewhat familiar to Nunneries wanted in England” e da passagem da “Letter XXIV” em que eram focados os assaltos feitos a

¹⁰³ *Letters II*, p. 431.

¹⁰⁴ *Letters*, pp. 480-497. Corresponde à “Letter XXVI” da segunda edição, pp. 335-350.

¹⁰⁵ *Letters*, p. 360.

¹⁰⁶ *Letters III*, p. 81.

conventos. Conclui-se que Southey não quis manter por mais tempo algumas partes da sua obra em que criticava severamente a religião em Portugal e dela dava uma imagem negra.

O exame a que Southey submeteu *Letters* não conduziu, contudo, apenas a cortes no texto original; como já foi dito, o autor fez-lhe acrescentamentos, especialmente aquando da preparação da terceira edição. Esta, com efeito, inclui muitas passagens e episódios inéditos, o que nos leva a pensar que Southey voltou a pegar nos diários e cartas relativos à viagem à Península Ibérica nos anos de 1795-1796 para dar um novo arranjo ao seu relato. Para além da adição de citações, geralmente em nota de rodapé, de autores que escreveram sobre os mesmos assuntos abordados em *Letters* — o que visa esclarecer ou ilustrar certos pontos —, são bastantes as histórias e os pormenores acrescentados. Com a introdução das primeiras, Southey conseguiu tornar mais ligeira uma obra que se caracterizava por um tom talvez demasiado sério para um livro de viagens, recriando simultaneamente um pouco da “cor local” que faltava ao seu relato, pleno de erudição. Quanto às novas pequenas informações inseridas na edição de 1808, correspondem a uma vontade de ser mais preciso ou esclarecedor em relação ao que afirma. Assim, por exemplo, enquanto que na edição de 1797 Southey não caracteriza de qualquer forma Elvas, a primeira terra portuguesa onde esteve, na versão de 1808 apresenta já uma descrição bastante completa daquela localidade.¹⁰⁷

Esta preocupação em fornecer um maior número de dados e em ser mais correcto explica-se talvez também por o autor querer estar à altura das responsabilidades que a reputação de lusófilo, entretanto adquirida, lhe dava. Neste sentido, Southey introduziu igualmente na sua obra alterações a nível formal: não só ordenou as cartas de diferente maneira, o que, na prática, não surtiu qualquer efeito em termos de um melhor encadeamento do discurso, mantendo-se a mesma descontinuidade e fragmentação narrativa que o próprio género epistolar implica, como procedeu a modificações de cariz estilístico, revelando-se, essas sim, bem mais pertinentes. Por um lado, cuidou mais a expressão escrita, e, por outro, teve a preocupação de corrigir a ortografia das palavras portuguesas, agora que já tinha adquirido um melhor conhecimento da língua de Camões.¹⁰⁸

Deve dizer-se, aliás, a este propósito, que o tempo veio provar a Southey que também a avaliação que fizera da língua portuguesa em 1796 estava profundamente errada. Nessa altura, achara que para falar o nosso idioma apenas era necessário “corromper” o espanhol:

¹⁰⁷ Vd. *Letters III*, pp. 32-33.

¹⁰⁸ Exs.: 1.ª edição: “Ventas de Pegoens” (p. 258) — 2.ª e 3.ª edições: “Venda de Pegoens” (p. 207 e p. 43, respectivamente); 1.ª edição: “Penamator” (p. 321) — 2.ª e 3.ª edições: “Penamacor” (p. 283 e p. 123, respectivamente); 1.ª edição: “Affirmeraoon” (p. 356) — 2.ª edição: “affirmarão” (p. 240) — 3.ª edição: “affirmaram” (p. 70).

"I had begun to speak a little Spanish when we entered Portugal, and find little difficulty in corrupting it into Portuguese."¹⁰⁹

Anos mais tarde, porém, rectificou a sua opinião, revelando uma maior seriedade na abordagem do assunto quando afirmou, em *The Quarterly Review*, que "They who conceive Portuguese to be a corrupt dialect of the Castillian are mistaken".¹¹⁰

Paralelamente ao aperfeiçoamento da expressão escrita, Southey tornou também o seu discurso mais objectivo, completando referências. Entre os frequentes casos podem citar-se três: a designação "Juiz Ordinario de Termo de Evera", que aparecera na primeira edição¹¹¹, surge na terceira como "Juiz Ordinario do Termo de Evora-Monte"¹¹²; o "Conde de Arcos"¹¹³ na edição de 1799 é identificado como "Don Jozé de Menezes, son of the Marquis of Marialva"¹¹⁴; e um facto ocorrido "in this kingdom a few years back"¹¹⁵ é situado concretamente "near Montalegre, in 1785" na edição de 1808¹¹⁶.

O cuidado posto por Southey na revisão de *Letters* mostra bem que esta obra não veio nunca a ser de somenos importância no conjunto da sua vasta produção literária; e a forma como, por diversas vezes, dela falou, omitindo o facto de a Espanha também estar contemplada no seu volume de viagens, comprova a preferência que começou a dar ao nosso país. É o que revelam as palavras que dirigiu ao irmão Thomas em 1808, quando se encontrava a rever o texto para a terceira edição e se referiu ao seu relato como "my Letters from Portugal"¹¹⁷.

Este amor de Southey por Portugal, nascido, podemos dizê-lo, a contragosto, começou, aliás, a despontar quando o autor se achava ainda entre nós, pois no final de *Letters* escreve:

"I am now preparing for my return: I am eager to be again in England, but my heart will be very heavy when I look back upon Lisbon for the last time."¹¹⁸

Sem ter plena consciência disso, no momento de partir Southey transportava já consigo aquele gosto por Lisboa que haveria de levá-

¹⁰⁹ Carta a Charles W. W. Wynn, de Lisboa, 26 de Janeiro de 1796, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 24.

¹¹⁰ *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1809, vol. I, n.º 2 (May), p. 268.

¹¹¹ *Letters*, p. 355.

¹¹² *Letters III*, p. 69.

¹¹³ *Letters*, p. 403.

¹¹⁴ *Letters II*, p. 316.

¹¹⁵ *Letters*, p. 402.

¹¹⁶ *Letters III*, p. 159.

¹¹⁷ Carta de 13 de Outubro de 1808, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. III, p. 172.

¹¹⁸ *Letters*, p. 547.

lo a embarcar de novo rumo à capital portuguesa. A distância, contudo, fê-lo reconhecer a ligação afectiva que entretanto se estabelecera:

“I have associations with Lisbon that give me a friendship for the place — recollected feelings and hopes, pleasures and anxieties — all now mellowed into remembrances that endear the associated scenes.”¹¹⁹

Esta afirmação é tanto mais surpreendente quanto se sabe que Lisboa não constituiu para ele, em 1796, uma experiência agradável. Ao contrário de outros viajantes que se empenharam em conhecer Portugal de Norte a Sul, Southey, durante a sua primeira estada entre nós, pouco se ausentou da capital e, como vimos, não lhe poupou críticas. Mas, as poucas vezes que se afastou da cidade, teve ocasião de admirar cenários naturais de inconfundível beleza que lhe ficaram gravados na memória, pelo que devemos entender as palavras acima transcritas como uma alusão aos lugares perto de Lisboa que visitou: Almada, Arrábida e Sintra.

Do alto de Almada, sentado nas ruínas do castelo, Southey contemplou uma vista colorida e variada, que o encantou ao ponto de exclamar: “altogether I never beheld a more cheerful scene.”¹²⁰ Nos mesmos termos, sensivelmente, veio depois a exprimir a sua impressão sobre a zona de Palmela: “The prospect as we descended is the most beautiful I ever beheld.”¹²¹

A Serra da Arrábida, a principal razão que o levou a empreender um passeio de burro até à região de Setúbal, proporcionou-lhe, por seu turno, o primeiro grande momento de êxtase que Southey sentiu em relação a uma paisagem portuguesa e, pela terceira vez, o escritor repetiu ser aquele o local mais belo que jamais observara:

“Never did I behold scenery so wild and so sublime as the mountain of Arrabida presented, and which continually varying as we advanced, always displayed some new beauty.”¹²²

Experiência inesquecível, esta visita à Arrábida inspirou-lhe um poema com que Southey pretendeu imortalizar aquele lugar, a seus olhos sagrado. “Musings after visiting the Convent of Arrabida”¹²³, assim se chama essa composição que, embora não primando pela qualidade literária, possui o interesse de constituir a resposta do autor a um cenário natural português que considerou paradisíaco.

¹¹⁹ Carta a John May, de 18 de Fevereiro de 1800, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 50.

¹²⁰ *Letters*, p. 389.

¹²¹ *Letters*, p. 465.

¹²² *Letters*, p. 471.

¹²³ *Letters*, pp. 476-479.

Finalmente, no mês de Abril, Southey deslocou-se a Sintra, lugar obrigatório para todos os ingleses que nos visitavam e onde o tio Hill tinha uma casa de campo, encoberta pelo arvoredado. Ali instalado, e perante a imponência da Serra, que ele era o primeiro nome de vulto das letras britânicas a habitar, depois de Beckford, sentiu dificuldades em retratar aquela paisagem da qual para sempre se enamorou:

“I know not how to describe to you the strange beauties of Cintra; it is, perhaps, more beautiful than sublime, more grotesque than beautiful.”¹²⁴

Aventura-se, no entanto, a fazer uma descrição que tem inconfundíveis traços românticos. Como se de uma pintura se tratasse, refere a Serra, a vila de Sintra com o Palácio, e a densa vegetação, por entre a qual espreitavam as casas dos ingleses. Observador minucioso e apaixonado, Southey registou cada pormenor, cada flor, cada árvore, cada recanto pitoresco, cada jogo de cor. Para além dos dotes naturais do lugar, o escritor sentiu-se igualmente atraído pelos edifícios de Sintra: menciona o Paço Real, na vila, o Convento da Penha, as ruínas do Castelo dos Mouros, a Quinta da Penha Verde e o Convento dos Capuchos, ou da Cortiça, onde a cela de um eremita que ali permaneceu doze anos tocou a sua sensibilidade.

Local privilegiado, calmo, propício ao lazer e à actividade intelectual, Sintra foi vista por Southey como um espaço paradisíaco, tal como aconteceu mais tarde com *Lord Byron*. Completamente deslumbrado, chega a dizer que, se ali tivesse nascido, jamais abandonaria aquele lugar:

“Had I been born at Cintra, methinks no inducement could have tempted me to leave its delightful springs and shades, and cross the dreary wilderness that insulates them.”¹²⁵

Mas, claro, a visita a Portugal aproximava-se do seu termo, e Southey teve mesmo de deixar Sintra, levando deste lugar a quase única boa recordação da sua primeira vinda ao nosso país. Será, pois, com grande emoção que, quatro anos volvidos, revisitará a Serra, na companhia da mulher, desta vez no decurso de uma segunda estada em Portugal ardentemente desejada. Em carta a Samuel Taylor Coleridge, de 1 de Abril de 1800, escrita poucos dias antes de iniciar a viagem de regresso, antecipava já o prazer de voltar a desfrutar das delícias de Sintra:

“Our summer will probably be passed at Cintra, a place which may be deemed a cool paradise in that climate. I do not look forward to any circumstance with so much emotion as to hearing again the brook which runs by my uncle's door.”¹²⁶

¹²⁴ *Letters*, p. 510.

¹²⁵ *Letters*, p. 511.

¹²⁶ In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend ——. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 53.

Apesar de ter sido com alívio que Southey deixou Portugal em 1796, firmemente decidido a não mais aqui voltar, as circunstâncias da vida futura vieram, como já vimos, a fazê-lo embarcar de novo em Falmouth rumo a Lisboa, cidade onde ancorou no dia 30 de Abril de 1800. Desta segunda estada no nosso país nasceu *Journal of a Residence in Portugal 1800-1801*, obra constituída por apontamentos tirados diariamente ao longo do itinerário percorrido, só dada à estampa em 1960.

Tratando-se de um relato que não foi sujeito por Southey a um arranjo com vista à sua publicação, possui a espontaneidade própria da forma diarística. O facto de estarmos perante um texto que corresponde exactamente ao manuscrito original permite-nos, pois, captar de uma maneira mais fiel as impressões e os sentimentos do autor, dado que ocorreu pouco espaço temporal entre o vivido e o discurso, e este, por seu turno, não sofreu quaisquer alterações ou retoques.

Os registos e os comentários feitos em cima da hora testemunham a vivacidade e o poder de observação de um Southey feliz por se encontrar mais uma vez em Portugal e a todo o momento descobrindo coisas novas, ou revendo outras a que os quatro anos de ausência davam um encanto que em 1796 não fora capaz de descortinar. É esta, precisamente, a principal diferença que existe entre as duas visitas de Southey: o estado de espírito alegre e interessado com que empreendeu a segunda e que, durante a primeira, estava longe de sentir.

Esta outra maneira de olhar Portugal começou logo a partir do momento em que o paquete que transportava o casal Southey entrou na barra de Lisboa. Na verdade, foi com grande deleite e sentido de novidade que o escritor viu a cidade ir tomando forma ao longe, uma vez que em 1796 entrara em Portugal por Elvas, e não por mar. Dias mais tarde, quando já instalado na casa da Rua de Buenos Aires que o tio previamente arrendara, Southey fez uma descrição pormenorizada da paisagem que se avistava da janela, da qual merecem destaque as palavras com que traduziu todo o seu entusiasmo pelo rio Tejo:

“The Tagus so superb a river! Alive with its thousand-shaped boats — and yet so broad as never to be crowded — the bustle of business animates only not confuses it — lying smooth under the sunny heaven like the blue of burnished armour at noon seen where it does not dazzle, — and now spotted with purple islands by a few thin clouds. Views like these exist only in climates like these.

¹²⁷ Carta a Samuel Taylor Coleridge, de Lisboa, 28 de Março de 1801, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 136.

They have a mellowness — a richness — a soft and voluptuous luxuriance of which the parts of an English landscape can help you to no idea."¹²⁸

Bem disposto como se sentia, Southey exasperou-se menos com as carências e defeitos da vida lisboeta, embora não tenha deixado de apontá-los de novo. Também a religião voltou a ser duramente criticada, prova de que o autor mantinha o desprezo pela Igreja Católica Romana que já em 1796 manifestara; e nem mesmo os festejos do baptizado da Princesa Maria Francisca de Assis, filha do futuro D. João VI, a que teve oportunidade de assistir, o emocionaram ou lhe agradaram.

Foi antes ao deambular pelas ruas que Southey se encantou com o bulício, a variedade e o colorido de Lisboa, e, em notas soltas, registou, por exemplo, o modo de vestir da população, as características dos telhados das casas e os ornamentos colocados nos burros. Dos naturais da capital, porém, pouco disse, dado que, mais uma vez, limitou os seus compromissos sociais ao contacto com a colónia dos britânicos residentes em Lisboa. Ainda assim, faz um elogio aos portugueses em geral:

"The Portuguese face when fine is very fine. And it never wants the expression of sense."¹²⁹

Em relação à cidade, que em 1796 tanto lhe desagradara, também agora consegue exprimir opiniões favoráveis, de que destacaríamos o balanço positivo que faz da saúde e da segurança públicas. Escreveu Southey, sobre a primeira destas questões, ao seu irmão Thomas:

"Filthy as Lisbon is, no infectious disorders are known here. The streets are narrow, and the houses high, the people dirty, and scantily fed upon poor food, chiefly salt fish, a diet miserably bad and indigestible; yet with all these disadvantages they are as healthy as the inhabitants of any city in the world."¹³⁰

Quanto à segunda, referente ao baixo índice de criminalidade, foi abordada em *Journals*:

"I do not quarrel in the streets — and no one has any interest in purchasing my life. A man may as easily escape being assassinated here — as he may duelling in England. We are indeed safer than in England, because there is not so much ingenuity exerted in villainy. Instruments for picking pockets and breaking open houses, have not yet

¹²⁸ *Journals*, p. 4.

¹²⁹ *Journals*, p. 10.

¹³⁰ Carta de 3 de Maio de 1800, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, pp. 110-111.

been introduced into Portugal. We find no counterfeit money in circulation. The country manufactures are not forward enough to produce coiners."¹³¹

O facto de dominar a língua e de já cá ter estado anteriormente foram factores que concorreram para que Southey, desta vez, se inteirasse melhor da realidade portuguesa. Além disso, a abertura de espírito com que veio ajudou-o, evidentemente, a despir-se de preconceitos e a prestar atenção a coisas que antes olhara com indiferença ou desdém.

Mais tempo tivesse estado em Lisboa e, por certo, outras qualidades e pontos de interesse teria encontrado na capital portuguesa; mas o calor do Verão começava a apertar, e o casal de forasteiros buscou a frescura de Sintra, depois de Southey ter ido conhecer o Vale de Chelas, que muito apreciou. A beleza do lugar mais uma vez o extasiou, a ponto de sentir-se incapaz de descrevê-la com justiça:

"You cannot imagine nor is it in my power to describe the beauties of this place. There are no miniature resemblances in England to assist me."¹³²

Foi na correspondência que da Serra enviou aos amigos que falou com abundância de Sintra; em contrapartida, no diário que então manteve nada incluiu sobre esta sua segunda estada ali, provavelmente por pensar que não valia a pena, num futuro relato de viagem, voltar a referir-se a um local que já tratara em *Letters*.

Ao regressar àquele abençoado retiro da azáfama cidadina, Southey deparou-se com uma situação inesperada, que em nada lhe agradou: nos últimos quatro anos a Serra de Sintra atraía novos habitantes, os comerciantes portugueses endinheirados, aos quais o autor inglês reagiu com a violência de quem vê o seu paraíso invadido por estranhos. As palavras que a este propósito escreveu ao irmão Thomas, onde dá vazão ao seu sentimento de revolta, devem ser entendidas em função do contexto que as gerou:

"Cintra is too good a place for the Portuguese. It is only fit for us Goths — for Germans or English."¹³³

Tendo chegado a Sintra em 30 de Junho de 1800, apenas em 28 de Outubro do mesmo ano voltou Southey a Lisboa, não sem que primeiro tivesse ido conhecer a Boca do Inferno e visitado Mafra.

¹³¹ *Journals*, p. 13.

¹³² Carta a Grosvenor Charles Bedford, de Outubro de 1800: "Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence", in *Journals*, p. 112.

¹³³ Carta de 15 de Junho de 1800: "Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence", in *Journals*, p. 99.

Também Lord Byron, em 1812, exprimiu pensamento idêntico ao de Southey quando falou de Sintra no seu poema *Childe Harold's Pilgrimage*: "Poor, paltry slaves! yet born 'midst noblest scenes — / Why, Nature, waste thy wonders on such men?" (Canto I, est. XVIII).

Enquanto permaneceu na Serra, o escritor tomara a decisão de empreender, no Outono, excursões pelo Norte, Centro e Sul de Portugal, de modo a ficar bem documentado sobre o país de que tencionava escrever a história nacional. Contudo, só em Março de 1801 realizou o segundo daqueles passeios, e, no mês seguinte, efectuou o terceiro. Quanto à viagem ao Norte, Southey não teve oportunidade de concretizá-la, para grande pena sua, e, por isso, sempre que no futuro pensava em regressar a Portugal, colocava logo à cabeça das prioridades deslocar-se ao Norte do nosso país, como testemunham as palavras que dirigiu ao amigo William Taylor (1765-1836) em carta datada de 21 de Março de 1806:

"[...] in the autumn I go to Portugal, and cannot tell when I shall return. [...] I shall make it my first business after the winter is over to go through the northern province."¹³⁴

Com a aproximação da Primavera, e depois de se ter deslocado à Costa da Caparica e a Odivelas, Southey resolveu-se, portanto, a deixar Lisboa, no que se fez acompanhar de Edith e de mais quatro compatriotas seus. O modo como decorreu o passeio, os lugares visitados e as impressões com que deles ficou encontram-se registados na "Part II — Northward Excursion to Coimbra" de *Journals*¹³⁵, pois foi só nessa altura que o autor retomou a escrita do diário que abandonara em meados de Maio do ano anterior, possivelmente por ter considerado uma perda de tempo fazer anotações sobre lugares onde já havia estado (Lisboa e Sintra).

No que diz respeito ao trajecto percorrido, Southey resumiu-o em carta a John May:

"We have, as you probably know from other quarters, been travelling. Caldas by the Torres Vedras road, Alcobaca, Batalha, the Fabria, Coimbra, Thomar, Santarem — this has been our route, and in twenty days, with some little expence of money and fatigue we have seen enough to remember for the remainder of our lives."¹³⁶

Foi uma viagem que decorreu sem problemas, através de uma região cheia de encantos naturais. O passo lento das montadas permitiu ao grupo de ingleses uma observação demorada do ambiente circundante, e são numerosas, em *Journals*, as descrições das paisagens que Southey teve oportunidade de apreciar, com especial destaque para os campos à volta de Coimbra, que mereceram do autor a adjectivação de "magnificent".

¹³⁴ In: J. W. ROBBERDS (comp. e ed.), *A Memoir of the Life and Writings of the Late William Taylor of Norwich [...] Containing his Correspondence of many years with the late Robert Southey, Esq., and original letters from Sir Walter Scott, and other eminent literary men.* 2 vols. London, John Murray, 1843, vol. II, pp. 119-120.

¹³⁵ *Journals*, pp. 15-33.

¹³⁶ Carta de 27 de Março de 1801, in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey.* Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, pp. 242-243.

Também aquela cidade lhe agradou bastante — “I never saw [...] a city more gloriously seated”¹³⁷ —, não por oferecer mais conforto ou patentear maior asseio do que as outras, mas pela riqueza de locais de interesse histórico e cultural. A Universidade, a Biblioteca, o Jardim Botânico, o Museu e o Mosteiro de Santa Cruz foram pontos obrigatórios da visita a Coimbra, guiada por duas figuras ilustres da cidade, para quem tinham levado cartas de apresentação: o botânico Félix de Avelar Brotero (1744-1828) e o Dr. Francisco Soares Franco (1772-1844), doutor em Medicina.

Como é característico deste diário, Southey não faz grandes descrições ou comentários aos tópicos que ia apontando: o desenvolvimento de cada assunto ficaria para mais tarde, importando-lhe agora, em plena viagem, registar o maior número possível de generalidades. Por esta razão, deixou-nos poucas ou nenhuma opinião sobre os lugares que conheceu em 1801: a boa memória que tinha ajudá-lo-ia posteriormente no trabalho de reconstituição das cenas vividas. Assim sendo, torna-se bastante significativo o facto de Southey ter já aqui dedicado algumas linhas à Fonte das Lágrimas, ou dos Amores, local de encontro entre os célebres amantes D. Pedro e D. Inês de Castro, que muito o impressionou.

O sonho, há muito acalentado, de visitar o túmulo da “Colo de Garça” foi satisfeito desta vez, quando se deteve em Alcobaça, a caminho de Coimbra. O Convento tocou-o sobretudo pela sua grandiosidade, mas foi a magnificência dos monumentos funerários em memória de Pedro e Inês que mais o marcou, dado que se apaixonara pela trágica história de amor que lhes estava associada, à qual chegou até a pensar dar tratamento literário, como já referimos.

O mesmo interesse pelos destinos humanos levou-o a preocupar-se mais com os frades do convento — inteirando-se dos seus rendimentos, posses, ideologia, modo de agir e alcance da influência que exerciam na região em que se encontravam instalados — e menos com a arquitectura do edifício, embora a ampla cozinha, de grandes chaminés, o tenha entusiasmado.

Bem diferente, no entanto, foi a sua reacção ao Mosteiro da Batalha, cujo trabalho em pedra o deixou maravilhado: “The freshness of the stone astonished me.”¹³⁸ Recordando-se então dos desenhos que o arquitecto irlandês James Cavanah Murphy (1760-1814) fizera¹³⁹, reconheceu-lhes mérito, mas concluiu que não faziam justiça à beleza daquela soberba construção.

Coimbra, Alcobaça e Batalha foram os lugares a que prestou mais atenção durante este passeio, mas em outras localidades se apeou ao

¹³⁷ *Journals*, p. 25.

¹³⁸ *Journals*, p. 23.

¹³⁹ Murphy é autor de uma descrição ilustrada do Mosteiro da Batalha: *Plans, Elevations, Sections, and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luls de Sousa, with remarks to which is prefixed an introductory discourse on the principles of Gothic Architecture*. London, I. & J. Taylor, 1795.

longo das estradas em mau estado que percorreu: Torres Vedras e Caldas da Rainha, elogiadas pelo asseio, bidos, terra que lhe pareceu tirada de um quadro, a Marinha Grande, onde viu a fábrica de vidros do inglês William Stephens (? - 1802)¹⁴⁰, Leiria, que visitou em dia de feira, o que lhe proporcionou um espectáculo alegre e colorido, Pombal, que lhe despertou a curiosidade pela tradição local relacionada com o milagre da Nossa Senhora do Cardal¹⁴¹, que lamentou não ter tido oportunidade de presenciar, e Tomar, cidade onde o grupo permaneceu algum tempo para poder ir conhecer os monumentos mais famosos. Aqui deparou Southey com um exemplo flagrante de superstição popular, representado pela prática de raspar as pernas da estátua de S. Cristovão, existente num dos extremos da ponte, para assim obter um pó que, depois, tomado com água, era tido como um remédio eficaz contra o paludismo.

Tendo deixado a mulher em Tomar, Southey partiu com um dos seus amigos, de apelido Waterhouse, em direcção a Abrantes, onde desfrutou de uma bela vista do Tejo. Foi por este mesmo rio, que lhe povoaria os sonhos futuros, que, a partir da Barquinha, o grupo de forasteiros ingleses fez a viagem de regresso a Lisboa, tendo Southey utilizado o adjectivo "magnificent" para qualificar as bonitas margens que pôde apreciar ao longo do percurso de volta à capital.¹⁴²

Fazendo um balanço desta sua excursão ao Centro do país, podemos dizer que se tratou de um passeio que muito lhe agradou por lhe ter dado a ver novos espaços e ter alargado o seu conhecimento do território português. Munido de um guia de viagens, o *Mappa de Portugal* (1745-1758) de João Baptista de Castro, Southey aventurara-se com entusiasmo por regiões que há muito desejava visitar, tendo, durante cerca de vinte dias, entabulado conversa com camponeses e frades, pedindo-lhes informações e escutando os seus pontos de vista sobre o que se passava em Portugal, apreciando paisagens contrastantes, constatado a fertilidade dos solos, observado as diferenças arquitectónicas entre construções antigas e modernas, salientando a falta de beleza das segundas, provado os excelentes vinhos¹⁴³ e as laranjas da

¹⁴⁰ William Stephens: industrial inglês que veio para Portugal no tempo do Marquês de Pombal. Adquiriu, em 1769, uma fábrica de vidros na Marinha Grande, que transformou numa das primeiras empresas do género da Europa. O nosso governo concedeu a esta indústria muitos privilégios, razão pela qual o irmão de William, John James Stephens (? - 1826), último herdeiro da fábrica, a legou em testamento ao Estado português, como reconhecimento pelos favores e protecção concedidos.

¹⁴¹ Trata-se de uma prática que teve lugar em Pombal até ao século XX e que se realizava por altura das festas da Nossa Senhora do Cardal, em Julho, num forno ali existente. Era costume, nessa ocasião, um homem entrar no forno, onde desde a véspera cozia um bolo, dar três voltas lá dentro e sair com o dito bolo, sem apresentar quaisquer queimaduras.

¹⁴² Vd. *Journals*, p. 33.

¹⁴³ Em carta a Robert Lovell, de 19 de Fevereiro de 1796, Southey referira-se já à boa qualidade dos vinhos que bebera em Portugal: "Here are most excellent wines, which I do in no small degree enjoy: the best Port; Bucellas of exquisite quality; old Hock, an old gentleman for whom I have a very great esteem; Cape, and I have "good hope" of getting some to-day; and Malmsey such as makes a man envy Clarence." (in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 267).

província, que o deliciaram, e pernitoado em pobres estalagens, ou até em sítios ainda menos cómodos, como, por exemplo, um fedorento armazém de bacalhau. Percorridas trezentas e cinquenta milhas, em vários meios de transporte, “carriages, mules, asses, by land, and by water”¹⁴⁴, ei-lo de volta a Lisboa, cansado mas feliz, a pele bronzeada e a mente repleta de boas recordações.

Chegado à capital em 22 de Março, Southey partiu de novo logo no dia 7 de Abril, desta vez apenas na companhia de Waterhouse. A ameaça de invasão do país pelas tropas napoleónicas, as escaramuças com os espanhóis no Sul e a possibilidade de a peste que grassava na Andaluzia vir a atingir aquela mesma região de Portugal não foram obstáculos suficientes para fazê-lo desistir de viajar até ao Alentejo e ao Algarve, mas, ciente dos perigos que corria, convenceu Edith a ficar em Lisboa.

Ao atravessar o Alentejo, cujo clima, de noites extremamente frias, lhe custou a suportar, Southey deu-se essencialmente conta da pobreza e fome generalizadas, o que não pôde deixar de espantá-lo, tratando-se de uma zona fértil: “The people are starving in the midst of a country which would produce every thing.”¹⁴⁵ Apesar das condições adversas em que as pessoas viviam, o autor foi testemunha de muitos exemplos de hospitalidade, o que lhe causou tão boa impressão quanto a paisagem, descrita abundantemente em *Journals*. A Serra do Caldeirão, a separar aquela província da do Algarve, pareceu-lhe especialmente estranha e fascinante, a julgar pelas seguintes palavras:

“It is a strange land — exactly the old Holy Land views, mountain all around swelling — breasting — surging like a sea.”¹⁴⁶

Com a entrada no Algarve, o tipo de anotações muda totalmente. Aos comentários sobre as carências do povo alentejano, sucedem-se agora as referências às espécies vegetais da região que atravessa, com destaque para a alfarrobeira, que Southey desconhecia, e aos grandes bandos de pássaros que sobrevoavam uma terra perfumada pelos laranjais, coberta de trigo para a banda de Lagos, e rica em amendoeiras, figueiras e vinhas.

A profusão de alusões a aspectos paisagísticos surge como que a suprir a falta de descrições de monumentos algarvios. Na verdade, Southey não dá notícia de ter visitado as mais conhecidas construções de cidades como Faro, Tavira ou Lagos. A primeira agradou-lhe antes pelo simpático convívio com o Cônsul, em casa de quem se hospedou; da segunda gostou por ser grande, aseada e rica; e na terceira passou pela experiência de ser preso durante rurgas que ali se efectuaram, no intuito de descobrir suspeitos que tinham entrado em Lagos.

¹⁴⁴ Carta à mãe, Margaret Southey, de Março de 1801, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 140.

¹⁴⁵ *Journals*, p. 40.

¹⁴⁶ *Journals*, p. 42.

Quanto a castelos, igrejas ou quaisquer outros monumentos, praticamente nem uma linha escreveu, o que aponta para uma clara preferência dada aos espectáculos naturais. Entre estes, sobressaíram, a seus olhos, dois cenários bem distintos: Monchique e Sagres. Do primeiro, a que chamou "the lovely Cintra of Algarve"¹⁴⁷, iria recordar-se para o resto da vida. Sagres, por seu turno, impressionou-o pela sua desolação e pela imponência do mar, que ali se fazia sentir de forma opressora. O barulho das águas a bater nas paredes das profundas cavernas, que descreveu como "the voice of the Ocean thro a speaking trumpet"¹⁴⁸, aterrou-o; e a solidão em que viviam os nove frades do Convento do Cabo de S. Vicente, rodeados por paisagem tão devastadora, fê-lo sentir-se aliviado por deixar aquele local.

Após a visita a Sagres, teve início o retorno a Lisboa. Os apontamentos tirados a partir daí são ainda mais fragmentados do que é costume nas páginas anteriores do diário, a denunciar a pressa de um viajante que deseja chegar ao seu destino o mais brevemente possível, reunir-se à mulher e regressar à pátria para fugir ao conflito bélico que se aproximava.

Do Algarve trouxe a imagem de uma região plena de atractivos naturais, mas com pouco interesse do ponto de vista cultural e artístico. Já o Alentejo se lhe revelara mais rico nesses domínios, pois tivera ocasião de conhecer Évora, com o seu templo de Diana, a Igreja de Santo Antão, a Sé e a Igreja de S. Francisco, cuja Capela dos Ossos o aterrorizou, como deixou registado em *Journals*:

"The Casa dos Ossos — which gave me a good idea of a Mexican temple. It is really shocking. There were two whole skeletons suspended from one of the walls — or rather dried bodies — the skin still clinging in most parts to the bones."¹⁴⁹

Foi-lhe também grato visitar Beja, especialmente por ter podido então trocar ideias com o bispo D. Manuel do Cenáculo (1724-1814), para quem levava uma carta de apresentação escrita pelo tio Hill¹⁵⁰. Do ilustre clérigo fez Southey o seguinte retrato:

¹⁴⁷ *Journals*, p. 52.

¹⁴⁸ *Journals*, p. 56.

¹⁴⁹ *Journals*, p. 36.

¹⁵⁰ Eis o texto desta carta de apresentação, datada de 5 de Abril de 1801, que o Rev. Hill deu a Southey para ser entregue ao Bispo de Beja: "O Snr. Southey, o Portador desta, e hum Sobrinho meu, vai fazer huma jornada à Alentejo e Algarve — aquellas partes de Portugal, que elle até agora não vizitou, e, em quanto o unico objecto de suas Viagens hê de se instruir, tenho lhe muito encommendado que não deixe de vêr e fallar com o veneravel Bispo de Beja, tanto para que se informe das cousas mais dignas de vêr daquella vizinhança, como para que me mande algumas noticias de V. Exa."

Esta carta encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, lugar onde está recolhida a correspondência enviada a Fr. Manuel do Cenáculo. Para além desta missiva, contam-se all outras sete escritas pelo Reverendo Herbert Hill: vd. Pasta 72 — Cod. CXXVII / 1-10.

Há cinquenta anos S. GEORGE WEST publicou pela primeira vez esta carta: vd. "Robert Southey, The Rev. Herbert Hill and The Bishop of Beja", in *Ninth Annual Report & Review of the Historical Association, Lisbon Branch*. Lisbon, 1945, pp. 551-558.

“The Bishop — a little, chearful, large-eyed man — a Santinho with a stick they called him — learned and beloved evidently by all about him.”¹⁵¹

Pelas palavras escolhidas, vê-se que o autor ficou a estimar bastante o bispo de Beja, a ponto até de ter sido a ele que Southey enviou a única carta conhecida que escreveu em português, com data de 11 de Abril de 1801¹⁵², onde exprime a sua gratidão pela solicitude que o eclesiástico demonstrara em ajudá-lo.

Um dos auxílios prestados foi justamente a entrega de uma carta de recomendação para ser apresentada ao padre de Castro Verde, que lhes mostrou as igrejas da vila e os acompanhou depois ao campo de Ourique, lugar que há muito Southey ambicionava visitar. Pisar o solo onde se travara uma batalha importante da história lusitana foi, com certeza, extremamente emocionante para Southey, pois, como sabemos, tencionava escrever e dar a conhecer aos seus compatriotas a história de Portugal. Para isso consultou muitos livros em Lisboa e foi comprando outros pelo caminho, sempre que a ocasião se proporcionou.

De volta à capital, nos finais de Abril, depois de muitas noites mal dormidas e mal alimentado, devido à escassez de víveres nas regiões que acabara de atravessar, Southey não esmoreceu no seu trabalho de recolha de material bibliográfico que seria mais tarde devidamente tratado em Inglaterra. O diário de viagem não contém referências a essas pesquisas, mas Southey, sempre pronto a comunicar aos amigos as tarefas que tinha em mãos, deixou na sua correspondência variadíssimas alusões à investigação que estava a realizar.

Aproveitando o facto de o Reverendo Hill ter ido passar uma temporada ao seu país natal, Southey, antes de fazer as excursões a Coimbra e ao Algarve, mudara-se até para sua casa, a fim de mais comodamente se poder servir da bem fornecida biblioteca do tio. Aos livros ali consultados, há que acrescentar a leitura dos que teve à sua disposição em diversas bibliotecas e arquivos onde se deslocou: Biblioteca Nacional, Torre do Tombo e Academia das Ciências.

Por intermédio de Herbert Hill, homem culto e bem relacionado com intelectuais, Southey contactou também com homens de letras, bibliotecários e livreiros portugueses, como as pessoas do círculo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, 1.º Conde de Linhares (1745-1812), diplomata e ministro, homem de notável cultura, especialmente no

¹⁵¹ *Journals*, p. 39.

¹⁵² Eis o conteúdo dessa carta: “Muito excellente Senhor, Não podemos certamente deixar passar esta occasião; para exprimir á sua Excellência, quanto sentimos os favores recebidos em Beja, tambem a grande vantagem, que achamos da sua recommendação, tendo sido muito bem servido hoje; e o Snr João da Palma nós tem procurado bestas, e nós mostrado as curiosidades deste sítio.

Outra mercê ainda pedimos, Isto he, que os erros na forma, e na linguagem sejam escusados, esperando que Vossa Excellencia goze por muitos annos todas as felicidades possibels: Eu e meu amigo ficando sempre/ Seus criados obrigadissimos.” (cf. ADOLFO DE OLIVEIRA CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, P. Fernandes, 1959, p. 345).

domínio das ciências, e grande apoiante da aliança inglesa; o juriconsulto e bibliotecário-mor da Biblioteca Nacional, Doutor António Ribeiro dos Santos (1745-1818); o lexicógrafo Agostinho José da Costa Macedo (1745-1822), no futuro segundo bibliotecário da Biblioteca Nacional; o censor Johann Wilhelm Christian Müller (1752-1814)¹⁵³; e o editor Bertrand¹⁵⁴.

Além disso, embora a partir de 1801 não mais tenha regressado a Portugal, Southey continuou a receber em sua casa, nos anos que se seguiram e até à retirada definitiva de Herbert Hill para Inglaterra, em 1807, muitos pacotes de manuscritos que o tio conseguia facilmente obter num país em que não se dava protecção à cultura, e muito menos naquela época, em que a ameaça francesa consternava a nação.

Em carta datada de 26 de Novembro de 1800, expedida de Lisboa, Southey descrevia ao amigo William Taylor o seu labor na capital portuguesa:

"I am up to the ears in chronicles — a pleasant day's amusement: but battles and folios, and Moors and Monarchs, teaze me terribly in my dreams. I have just obtained access to the public manuscripts, and the records of the Inquisition tempt me — five folios — the whole black catalogue; yet I am somewhat shy of laying heretical hands upon these bloody annals."¹⁵⁵

Com estas leituras ficava para sempre cimentado o seu interesse pelo passado de Portugal. Quanto à nossa literatura, também ela se tornou por esta altura uma preocupação constante, projectando Southey, à medida que prosseguia a sua pesquisa no retiro de Sintra, escrever a sua história, como deu a saber a Joseph Cottle em missiva enviada daquela localidade:

"My desk is full of materials for the literary history which will require only the labour of arrangement and translation, on my return."¹⁵⁶

História e literatura, eis, pois, as duas vertentes dos estudos lusófilos que veio a fazer em Inglaterra e em que se tornou mestre. Quando abandonou Lisboa pela última vez, no Verão de 1801, partia com um conhecimento bastante mais aprofundado da cultura por-

¹⁵³ Traduziu o artigo de Southey intitulado "Portuguese Literature", publicado em *The Quarterly Review* (London, John Murray, 1809 (May), vol. I, n.º 2, pp. 268-292): *Memória sobre a Literatura Portuguesa, Traduzida do Inglês* (1809).

¹⁵⁴ Talvez Jorge Bertrand, que, em 1775, herdou com sua mãe a livraria com o mesmo nome, estabelecida em Lisboa em 1732.

¹⁵⁵ In J. W. ROBBERDS (ed.), *A Memoir of the Life and Writings of the Late William Taylor of Norwich [...] Containing his Correspondence of many years with the late Robert Southey, Esq., and original letters from Sir Walter Scott and other eminent literary men.* 2 vols. London, John Murray, 1843, vol. I, pp. 360-361.

¹⁵⁶ In JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey.* Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, pp. 224-225.

tuguesa e carregado de bibliografia que seria preciosa para as suas futuras obras. Era também agora capaz de falar e escrever muito melhor em português, como comprova a correcta ortografia dos termos da nossa língua usados no texto de *Journals*, como, por exemplo, na frase “It was our intention to sleep there, see Arrabida on the morning and reach Setubal. Paciencia — we proceeded with our burros and excellent they were.”¹⁵⁷ O seu próprio discurso em inglês chega até a sofrer uma contaminação da língua estrangeira, quando, a dada altura, escreve “That court was the only house in the house”¹⁵⁸, o que revela a atribuição ao termo «house» de um dos significados que a palavra portuguesa sua correspondente, «casa», tem, isto é, «divisão de uma casa», por sua vez equivalente a «room» no idioma materno de Southey.

Durante o resto da sua vida, o autor persistiu na consulta de obras escritas em português, o que, por certo, aumentou a sua competência no uso da nossa língua. É mesmo possível encontrar, quer na correspondência, quer em obras não relacionadas com Portugal, termos portugueses, como acontece, por exemplo, em *Journal of a Tour in Scotland in 1819*:

“And, the number of *quintas* show that the Scotch are fully sensible of its beauty: the Portuguese word occurs naturally to me”.¹⁵⁹

A pouco e pouco foi Southey concebendo os muitos trabalhos que veio a escrever na área dos estudos portugueses. Da viagem realizada contra a sua vontade no ano de 1796 nascera, afinal, uma paixão a que seria fiel toda a vida. Daí que seja plenamente justificado o título que, em 1985, um periódico lisboeta, em artigo sobre “*O que os ingleses dizem de nós*”, atribuiu à parte dedicada ao autor de *Letters e Journals*: “Robert Southey — Portugal forever.”¹⁶⁰

A PORTUGUESE STUDENT AMONG THE MOUNTAINS¹⁶¹

Ao longo da sua vida dedicada às letras, Robert Southey publicou numerosas obras de temática portuguesa, e são abundantes, na sua correspondência, as alusões ao nosso país. Tal interesse por Portugal decorreu, como vimos, das duas viagens que aqui efectuou e que deram origem aos relatos que abreviadamente referimos por *Letters e Journals*.

¹⁵⁷ *Journals*, p. 34. Sublinhados nossos.

¹⁵⁸ *Journals*, p. 58. Sublinhado nosso.

¹⁵⁹ In ROBERT SOUTHEY, *Journal of a Tour in Scotland in 1819*. With an introduction and notes by C. H. Herford. London, John Murray, 1929, p. 258.

¹⁶⁰ Vd. *Semanário*, 23/3/1985 (Dossier), p. 13.

¹⁶¹ Palavras com que Southey se auto-definiu, em carta escrita ao seu amigo Grosvenor Charles Bedford, datada de 23 de Abril de 1804: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-1850, vol. II, p. 281.

Ao contrário da grande maioria dos britânicos que nos séculos XVIII e XIX nos visitaram mas que apenas ocasionalmente se relacionaram com o nosso país, Southey, a partir do momento em que tomou contacto com a terra, a gente e a cultura portuguesas, foi gradualmente desenvolvendo por elas um interesse que acabou por tornar-se profundo e orientador de toda uma carreira literária, a qual se caracteriza por uma actividade prolífica que abarca a poesia, a história, a biografia, os relatos de viagem, a crítica literária e social, o ensaio, a edição, a tradução e o jornalismo.

A maior parte dos poemas de Southey foi composta entre 1794 e 1816, e é testemunho do desejo do escritor de experimentar formas e medidas, das suas preocupações humanitárias, e ainda da sua busca de inspiração na natureza, o que, como sabemos, constitui um traço marcante da poesia romântica.

Uma outra tendência da literatura da época a que Southey não escapou foi o gosto pelos lugares remotos e exóticos, bem patente nos quatro longos poemas narrativos que escreveu: *Thalaba the Destroyer* (1801), *Madoc* (1805), *The Curse of Kehama* (1810) e *Roderick, the Last of the Goths* (1814). Enquanto o primeiro e o terceiro se inscrevem na voga do orientalismo, em grande medida motivada pela divulgação e popularidade que *As Mil e Uma Noites* tiveram na Europa no século XVIII, o segundo representa a adesão de Southey à onda de fascínio que também por esta altura as Américas exerceram nos escritores ingleses¹⁶²; já o quarto, considerado quase unanimemente pela crítica como o melhor dos poemas épicos de Southey, tomou como tema a lenda do Rei Rodrigo — que *Sir Walter Scott* e *Walter Savage Landor* haviam abordado antes, respectivamente em *The Vision of Don Roderick* (1811) e *Count Julian* (1812) —, o que demonstra bem o interesse pelos assuntos ibéricos que despertara em Southey a partir de 1796.

A posteridade acabaria por remeter os extensos poemas de Southey para o esquecimento, dando talvez razão a todos aqueles que o acusaram de não possuir génio poético, como, por exemplo, Arthur William Symons, autor de *The Romantic Movement in English Poetry*, que dele disse: "Southey's talent was pedestrian, and it was his misfortune that he tried to fly."¹⁶³ A mesma crítica, porém, não se estendeu à sua prosa, frequentemente elogiada pela transparência de sentido e pelo estilo vivo, espirituoso e carregado de informação.

Na verdade, foi na prosa que Southey, depois de ter admitido que "the season for poetry is gone by"¹⁶⁴, produziu os trabalhos que lhe granjearam maior reputação, nomeadamente os de carácter histórico e biográfico. Para além de *The Book of the Church* (1824), história religiosa de Inglaterra desde os druidas até 1689, e *Letters from*

¹⁶² Em 1825 viria a público o último dos poemas longos de Southey, também ele tendo por cenário o Novo Mundo: *A Tale of Paraguay*.

¹⁶³ ARTHUR WILLIAM SYMONS, *The Romantic Movement in English Poetry*. London, Archibald Constable & Co., 1909, p. 160.

¹⁶⁴ Carta ao Reverendo John Neville White, de 8 de Janeiro de 1816, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. IV, p. 146.

England by Don Manuel Alvarez Espriella (1807), de que já falámos, e das biografias *The Life of Nelson* (1813) e *The Life of Wesley* (1820)¹⁶⁵, merecem destaque especial duas obras de grande fôlego, *History of the Peninsular War* (1823-32) e *The History of Brazil* (1810-19), que ocupam não só um lugar preponderante no conjunto da produção de Southey, como constituem marcos de grande importância no contexto das relações literárias anglo-portuguesas.

A primeira, em três volumes, relatava os acontecimentos, ainda na memória de todos, que tinham tido lugar na Península Ibérica após a invasão pelas tropas napoleónicas; quanto à segunda, que valeu a Southey a distinção de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada por vontade expressa da Rainha D. Maria II¹⁶⁶, a sua publicação revestiu-se de um significado muito particular, numa altura em que o Brasil tinha grande interesse comercial para os ingleses. Foi exactamente este o motivo que levou o autor a redigir e publicar os três volumes de que é composta a *History of Brazil*, originalmente concebida como apenas uma das partes que deveriam constituir a «History of Portugal», obra de envergadura, planeada por Southey aos vinte e seis anos, com a qual esperava ganhar definitivamente um nome entre os grandes das letras.

Para a concretização desse grandioso projecto efectuou Southey, como já foi referido, aturada investigação durante a sua segunda estada em Portugal. Em missiva enviada a John May, de 9 de Fevereiro de 1800, o autor esboça, em traços largos, quais os diferentes capítulos que comporiam tal obra:

“Less than two quarto volumes could not comprise the work, — I should suppose not less than three; for the great Indian Episode would require one itself.”¹⁶⁷

Quatro anos depois, porém, Southey alargara já substancialmente o plano inicial, como comunicou ao seu irmão Thomas:

“My whole historical labours will then consist of three separate works. 1. History of Portugal, — the European part, 3 vols. 2. Hist. of the Portuguese Empire in Asia, 2 or 3 vols. 3. Hist. of Brazil. 4. Hist. of the Jesuits in Japan. 5. Literary History of Spain and Portugal, 2 vols. 6. Hist. of Monachism. In all, ten, eleven, or twelve quarto volumes”.¹⁶⁸

¹⁶⁵ O autor escreveu ainda a vida de William Cowper (1731-1800), que ocupa os primeiros três dos quinze volumes da edição da obra deste poeta pré-romântico encomendada pela firma Baldwin and Cradock a Southey em 1833: *The Works of William Cowper ... With a Life of the Author*, 1835-37.

¹⁶⁶ Sobre esta condecoração, consulte-se: ADOLFO CABRAL, “Garrett, Southey e a Torre e Espada”, in *Diário da Manhã*, 20/2/1957, p. 10.

¹⁶⁷ “Robert Southey’s hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence”, in *Journals*, p. 63.

¹⁶⁸ Carta a Thomas Southey, de 12 de Setembro de 1804, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, pp. 305-306.

O paradeiro do manuscrito da «History of Portugal» permanece ainda hoje desconhecido, embora saibamos, através da correspondência de Southey, que em 1831 o autor continuava a escrever esse trabalho com entusiasmo, e que, quando se fez a venda do fabuloso conteúdo (cerca de 14.000 volumes) da sua biblioteca, ele não foi incluído no leilão que teve lugar em Londres em 1844, por ter cabido à sua filha mais velha, Edith May Warter, quando da distribuição do espólio literário do pai.

Maurice H. Fitz Gerald, em artigo publicado em 1937 no *Times Literary Supplement*¹⁶⁹, veio deitar alguma luz sobre este problema. Diz ele que em 1901 o dito manuscrito apareceu num catálogo do livreiro londrino Sotheran, tendo sido comprado por um americano de nome Archer Huntington, precisamente o fundador da Hispanic Society of America. Esta descoberta, no entanto, não deu frutos e, no ano do centenário da morte de Southey, o mesmo Fitz Gerald voltava a escrever para o *Times Literary Supplement* lamentando que naquele espaço de seis anos nada mais se tivesse sabido sobre o assunto. Adianta, porém, a descrição do manuscrito, tal como fora feita no catálogo de Sotheran:

“Southey (Robert) History of Portugal. A. D. 1063-1583, the original manuscript, 550 pages small 4to (not quite consecutive) for the most part very closely written in 14 neatly sewn sections, quite unpublished. Sold.”¹⁷⁰

Apesar de não ter chegado a publicar a «História de Portugal», para a qual se sentia mais dotado do que para escrever a do seu próprio país¹⁷¹, Southey permanece uma figura singular no que diz respeito à divulgação em Inglaterra da história e da literatura portuguesas. O facto de, a partir de 1801, não mais ter voltado a pisar território lusitano, não significou um decréscimo do seu interesse por Portugal nem uma desactualização relativamente aos acontecimentos que se iam desenrolando no nosso país. Pelo contrário, procurou sempre ter acesso a obras que lhe pudessem trazer novos conhecimentos sobre a Península Ibérica, e delas se fez eco nos periódicos ingleses de que foi colaborador.

Uma consulta ao catálogo da parte portuguesa e espanhola da vasta biblioteca de Southey¹⁷² dá-nos claramente uma ideia da paixão que o autor nutria pelos assuntos peninsulares. Durante o tempo que

¹⁶⁹ Saturday, October 30, 1937, p. 803.

¹⁷⁰ *Times Literary Supplement*, Saturday, April 24, 1943, p. 199.

¹⁷¹ “The History of Portugal fits me better than that of my own country. England will not for ever want a worthy historian, but it is not likely that Portugal would ever again find one so qualified, for if a foreigner possess the knowledge of a native he is better qualified.” : carta a John Rickman, de Julho de 1805, in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 389.

¹⁷² Vd. “Catalogue of the Spanish and Portuguese Portion of the Library of the Late Robert Southey, Esq., LL. D., Poet Laureate”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943 (Jan.-Março), vol. 178, pp. 91-155.

passou em Portugal adquiriu muita bibliografia, e o tio Hill nunca cessou de lhe enviar documentos e livros enquanto residiu entre nós ; além disso, a biblioteca do próprio Reverendo, rica em volumes sobre história e literatura lusitana e hispânica, acabou por ser herdada pelo sobrinho, pelo que Southey conseguiu reunir em sua casa um número impressionante de obras desse teor. O escritor Thomas De Quincey (1785-1859) visitou um dia essa biblioteca e deixou-nos dela uma interessante descrição:

“The books were chiefly English, Spanish, and Portuguese; well selected, being the great cardinal classics of the three literatures; fine copies, and decorated externally with a reasonable elegance, so as to make them in harmony with the other embellishments of the room. This effect was aided by the horizontal arrangements upon brackets of many rare manuscripts — Spanish or Portuguese.”¹⁷³

Aliás, Southey chegou mesmo a planear a publicação de uma bibliografia relativa a Portugal, como confidenciou à amiga *Miss Barker*:

“It is a part of my plan to give an account of all the books which have been written concerning Portugal, and of their respective authors”.¹⁷⁴

O trabalho desenvolvido por Southey em prol da divulgação de Portugal em Inglaterra tomou outras formas, para além das já referidas *History of the Peninsular War* e *The History of Brazil*, pelo autor consideradas como “the great literary labours of my life”¹⁷⁵. Uma delas foi a do comentário político e social. À semelhança de Wordsworth, Coleridge, Shelley e Byron, também Southey se interessava por problemas dessa natureza, como deixou bem expresso nas páginas de diversos periódicos. Aos muitos escritos sobre assuntos candentes da actualidade inglesa vieram juntar-se aqueles em que aborda aspectos múltiplos do Portugal de então, quase sempre analisados à luz do nosso passado nacional. Pertencem a esta categoria um artigo sobre o *Observador Portuguez, Historico e Politico, de Lisboa, desde o dia 27 de Novembro do Anno de 1807, [...] até ao dia 15 de Setembro de 1808, em que foram expulsos, depois de batidos, os Francezes* (1809), outro sobre a Inquisição portuguesa e espanhola, e um terceiro que tem por título “Political and Moral State of Portugal”.

¹⁷³ In THOMAS DE QUINCEY, *Recollections of the Lakes and the Lake Poets*. Edited with an Introduction by David Wright. Harmondsworth, Penguin Books, 1980, pp. 237-238.

¹⁷⁴ Carta a *Miss Barker*, de 26 de Janeiro de 1805, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 313.

¹⁷⁵ Carta a John May, de 20 de Março de 1821, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 31.

that we have seen"¹⁸⁵; a *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia-Minor, Egypt &c. &c. from 1796 to 1801. With an historical sketch, and occasional reflections* (1807), de Francis Collins¹⁸⁶; e a *Lisbon in the Years 1821, 1822, and 1823* (1824), de Marianne Baillie (1795 ?-1831)¹⁸⁷, "a very agreeable book, and a very faithful one"¹⁸⁸.

Embora abundem nestes artigos trechos das obras que o autor se encontra no momento a apreciar — como era, de resto, comum nas recensões críticas da época, quase só compostas por paráfrases e citações —, Southey possui a particularidade de nunca se furtar a dar a sua opinião sobre os aspectos nelas abordados; e a segurança com que fala de tudo quanto se prende a Portugal mostra bem o quanto era conhecedor do assunto.

A colaboração de Southey em jornais e revistas foi bastante intensa, e são numerosos os artigos, anónimos ou assinados "T. Y."¹⁸⁹, que publicou. A razão de ser desta actividade reside, mais uma vez, em motivos de ordem económica, e muitas foram as ocasiões em que o autor exprimiu desagrado por este tipo de trabalho, a seu ver pouco criativo, mas rendoso.

Foi igualmente na imprensa periódica que Southey veio a chamar a atenção dos seus compatriotas para a literatura portuguesa, e também espanhola, que ele lamentava serem tão mal conhecidas em Inglaterra. Nos artigos que escreveu para *The Monthly Magazine* sobre este assunto¹⁹⁰, pretendeu "to give some account of the best Spanish and Portuguese poets, to analyze the plans of their most esteemed works, and translate such specimens as [...] may give some idea of the genius, taste, and manner of the authors."¹⁹¹

Este plano orientador não foi, contudo, plenamente realizado, pois ficou-se pela abordagem quase exclusiva da literatura espanhola. Foi antes em *The Quarterly Review*, em 1809, a propósito de um livro anónimo intitulado *Extractos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente accentuadas para facilitar o Estudo d'aquella Lingoa* (1808), publicado em Londres, que Southey viria a fazer um resumo da literatura portuguesa, destacando o que, a seu ver, há nela de mais significativo, desde os primórdios até à modernidade.¹⁹² No que diz respeito à prosa, lastima a inexistência de

¹⁸⁵ *In The Critical Review* (2nd series). London, printed by and for S. Hamilton, 1803 (June), vol. XXXVIII, p. 168.

¹⁸⁶ *In The Annual Review for 1807*. London, Printed for Longman, Hurt, Rees, and Orme, 1808, vol. VI, pp. 114-115.

¹⁸⁷ *In The Quarterly Review*. London, John Murray, 1825, vol. XXXI, n.º 62 (March), pp. 378-390.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 378.

¹⁸⁹ Trata-se, como se vê, de um aproveitamento das letras finais do seu nome: Robert Southey.

¹⁹⁰ Vd. *The Monthly Magazine*, 1796 (July), vol. II, pp. 451-453; 1796, (October), vol. II, pp. 697-700; 1798 (April), vol. V, pp. 275-276.

¹⁹¹ *In The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1796 (July), vol. II, p. 451.

¹⁹² *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1809, vol. I, n.º 2 (May), pp. 268-292.

ligação à literatura de viagens começou muito cedo: uma vista de olhos pelo rol de livros requisitados pelo autor durante os anos de 1793 a 1795 na Biblioteca de Bristol¹⁸⁰ chama de imediato a atenção para o facto de, já nessa altura, e a par de obras de história, filosofia, política, religião e poesia, figurarem outras relacionadas com viagens.

Não surpreende, portanto, que Southey tenha registado as impressões recolhidas ao longo das várias digressões turísticas que ele próprio empreendeu, quer na Grã-Bretanha, quer no Continente europeu. Curiosamente, porém — uma vez que a literatura de viagens era, na época, um dos géneros com mais procura por parte do público leitor, e Southey sempre se preocupou com os lucros que poderia auferir através da escrita, dado que esta era o seu único meio de subsistência —, apenas um dos seus relatos, *Letters*, foi publicado durante a vida do autor; todos os outros volumes só vieram a lume postumamente — *Journal of a Tour in the Netherlands in the Autumn of 1815* (1902), *Journal of a Tour in Scotland in 1819* (1929) e, finalmente, *Journals* (1960), em que relata a sua estada em Portugal nos anos de 1800-1801 e a sua visita a França em 1838.¹⁸¹

Mas a relação de Southey com os livros de viagens não se prende apenas com os de sua própria autoria; nos vários periódicos de que foi colaborador desenvolveu igualmente importante trabalho de divulgação de obras deste género, sobre o qual era considerado um especialista. Entre o vasto número de artigos escritos por Southey para *The Annual Review*, *The Critical Review*, *The Foreign Review* e *The Quarterly Review*, muitos são aqueles que o autor dedica à apreciação de volumes da mais diversa proveniência e sobre as mais diferenciadas paragens, quer próximas, quer longínquas.

De especial significado para nós são os artigos em que Southey aborda livros sobre viagens a Portugal, pois também neste campo o autor prestou um bom serviço ao nosso país. Estão neste caso as recensões a *A General View of the State of Portugal* (1798), de James Murphy¹⁸²; a *Travels in Portugal, and through France and Spain. With a dissertation on the Literature of Portugal, and Spanish and Portuguese Languages*, do médico, químico e naturalista Heinrich Friedrich Link (1767-1851)¹⁸³, relato traduzido do alemão¹⁸⁴ que Southey considerou “the most full, the most candid, and interesting account of Portugal

¹⁸⁰ Vd. GEORGE WHALLEY, *The British Library Borrowings of Southey and Coleridge 1793-98*. London, The Bibliographical Society, 1949.

¹⁸¹ Para além destes diários longos, há ainda a referir uns outros, muito mais breves, que escreveu durante pequenos passeios que deu em Inglaterra nos anos de 1799, 1800 e 1805, e que se encontram inseridos na sua obra intitulada *Common-Place Book* (1849-51).

Alguns dos poemas de Southey também são inspirados em viagens que fez, como é o caso de *The Poet's Pilgrimage to Waterloo* (1816).

¹⁸² In *The Critical Review* (2nd series). London, printed by and for S. Hamilton, 1798 (September), vol. XXIV, pp. 25-33.

¹⁸³ In *The Critical Review* (2nd series). London, printed by and for S. Hamilton, 1803 (June), vol. XXXVIII, pp. 157-168.

¹⁸⁴ O título original é o seguinte: *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*. 3 vols. Kiel, 1801-1804.

“That improvement of poetical language which in our country has with equal ignorance and absurdity been ascribed to Waller and to Pope, Camoens effected in Portuguese, nothing before him was so good, nothing after him has been better.”¹⁹⁸

Southey não se coíbe também de dar a sua opinião sobre duas das traduções inglesas de obras de Camões, *The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns*, de Mickle, e *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his Life and Writings, Notes &C. &C.* (1803), de Lord Strangford (1780-1855):

“Mickle has ornamented the Lusiad with a richness of description which is not to be found in the original, and Lord Strangford has given a character of licentiousness to his minor poems, of which the author is entirely innocent.”¹⁹⁹

Por várias vezes Southey exprimiu a sua admiração pela lírica camoniana, que ele considerava como do melhor que já se produzira dentro do género. Em artigo publicado em *The Annual Review*, no qual fez a recensão crítica do trabalho de Lord Strangford²⁰⁰, afirmou que os sonetos de Camões são “beyond comparison his best productions”²⁰¹, o que prova que Southey manteve a opinião que já em 1796 manifestara, segundo a qual a épica camoniana era muito inferior à poesia lírica.

É também naquele artigo de *The Annual Review* que estão incluídas traduções, anónimas embora, de alguns sonetos de Camões, as quais, dezassete anos mais tarde, John Adamson reproduziu em *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, desta feita já com o nome do autor: Robert Southey. Aliás, Southey chegou mesmo a pensar editar um volume com as suas próprias traduções dos sonetos camonianos, mas esse projecto, como tantos outros, não chegou a concretizar-se.

Muito diferente, porém, da atitude tomada face à poesia lírica de Camões foi a posição de Southey no que diz respeito a *Os Lusíadas*. Já no prefácio à primeira edição do poema *Joan of Arc*, saído a público quando o autor se encontrava em Portugal, tornara claras as suas reticências em relação a algumas passagens da célebre epopeia:

“Against the machinery of Camoens, a heavier charge must be brought than that of profaneness or incongruity. His floating island is but a floating brothel, and no beauty can make atonement for licentiousness. The Lusiad, though excellent in parts, is uninteresting as a whole: it is read without interest, and remembered without pleasure.”²⁰²

¹⁹⁸ *Ibidem*, pp. 274-275.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 274.

²⁰⁰ *The Annual Review for 1803*. London, Printed for T. N. Longman and O. Rees, 1804, vol. II, pp. 569-577.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 574.

²⁰² *In Joan of Arc, an epic poem*. Bristol, 1796, p. VII.

romances modernos, falha que é, no entanto, compensada por duas obras de mérito superior:

“The boast of the fine literature of Portugal ought to have been Amadis of Gaul, which is among prose romances, what the Iliad is in heroic poetry, if it be not indeed more decidedly without a rival [...] Next in merit to Amadis, however wide the interval, is the Palmerin of Francisco de Moraes, a book which is considered as having perfected the prose language.”¹⁹³

Estes dois romances de cavalaria, *Amadis de Gaula e Palmeirim de Inglaterra*, que Southey nunca se cansou de enaltecer e cuja autoria portuguesa defendeu com calor, foram por ele divulgados junto do público do seu país através da tradução, em 1803, do primeiro deles, *Amadis of Gaul, by Vasco Lobeira. (From the Spanish version of Garciordonez de Montalvo, by R. Southey)*¹⁹⁴, e da edição, em 1807, do segundo, com correcções do próprio Southey: *Palmerin of England by F. de Moraes [also ascribed to L. Hurtado, originally translated by A. Munday, corrected by Robert Southey]*¹⁹⁵.

Ainda no mesmo artigo publicado em *The Quarterly Review*, Southey refere-se à pobreza do teatro português e à carência de livros de viagens, para a qual encontra uma explicação:

“There are no modern travels in the language, because the Portuguese, who visit foreign countries, return with freer opinions than would pass the ordeal of the Inquisition.”¹⁹⁶

Relembrando os antigos relatos de naufrágios e as descrições das terras longínquas que os portugueses atingiram durante o período das descobertas, Southey termina com um elogio rasgado aos cronistas do nosso país, que tão bem souberam fixar para a posteridade os acontecimentos da história nacional. Aliás, a enorme admiração que nutria por um deles, fê-lo desejar verter para a sua língua as obras de Fernão Lopes, “beyond comparison the best chronicler of any age or nation.”¹⁹⁷

Ao abordar a poesia, menciona o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, Francisco Sá de Miranda, António Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, D. Francisco Manuel de Melo, Manuel de Faria e Sousa, Correia Garção, António Dinis da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita e Francisco Dias Gomes, mas recusa-se a falar de Camões, por achar que ele, só por si, mereceria um artigo em separado. Mesmo assim, reconhece em breves linhas o seu valor no que diz respeito ao engrandecimento da língua portuguesa:

¹⁹³ *Ibidem*, p. 283.

¹⁹⁴ Este romance de cavalaria foi pela primeira vez traduzido para inglês por Anthony Munday, nos finais do século XVI.

¹⁹⁵ Na verdade, trata-se de uma revisão da versão inglesa de Anthony Munday, que, nos finais do século XVI, traduzira uma adaptação francesa deste romance de cavalaria.

¹⁹⁶ *In The Quarterly Review*. London, John Murray, 1809, vol. I, n.º 2 (May), p. 287.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 288.

Entre os muitos planos dramáticos de Southey, frutos de uma mente em constante ebulição, esteve, aliás, o de escrever sobre Inês de Castro e a vingança de D. Pedro I, para além do desejo de tratar outros temas, como D. Sebastião, os tormentos de uma família judaica em Portugal, vítima da Inquisição, e ainda “the Portuguese accused before the Inquisition of incest and murder.”²⁰⁷

Face a todas as falhas que Southey aponta em *Os Lusíadas*, a tradução de Mickle apresenta-se a seus olhos como superior ao poema português. No já citado artigo de *The Monthly Magazine*, em que o autor faz dela uma apreciação crítica²⁰⁸, Southey começa por discordar da escolha do tradutor, que optou por tomar liberdades com o texto, alterando-o e aumentando-o, em vez de reproduzir fielmente o sentido original — como, na opinião de Southey, devia ser um trabalho de tradução —, acabando, no entanto, por admitir que a versão inglesa é mais agradável de ler:

“However I may detract from Mr. Mickle’s merits as a faithful translator, I would give him all due praise as a poet; and a complete statement of what belongs to him, what to Camoens, would increase his reputation instead of impairing it. I never read a rhyme poem of any considerable length, that wearied me so little as the English *Lusiad*; the versification has the ease of Dryden without his negligence, and the harmony of Pope without his cloying sweetness.”

É ainda na primeira parte dessa recensão²⁰⁹ que Southey, mais uma vez, pretende colocar Camões num lugar inferior àquele que lhe é normalmente atribuído:

“Luis de Camoens is entitled the Prince of the Poets of Spain: I will not denounce the title. Mr. Mickle [...] raises him to a proud equality with Homer, and Virgil, and Milton; but Camoens must not be lifted up so high, neither must Homer, and Virgil, and Milton, be degraded into such company”.

Esta atitude crítica mostra bem o quanto Southey defendia os seus pontos de vista, indo contra tudo e todos, se preciso fosse. No caso da sua opinião sobre a grande epopeia de Camões, vemos que não se inibiu de exprimir publicamente o que pensava, mesmo sabendo que o seu juízo de valor se opunha ao reconhecimento generalizado da genialidade de *Os Lusíadas*. Sendo Southey uma figura prestigiada das letras inglesas, não podemos deixar de responsabilizá-lo, em

²⁰⁷ Cf. Carta a Grosvenor Charles Bedford, de 1 de Outubro de 1795, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 248.

²⁰⁸ *The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1797 (August), vol. IV, pp. 98-100.

²⁰⁹ *The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1796 (November), vol. II, pp. 787-789.

Mas foi na imprensa periódica que Southey explicou quais os motivos da sua desaprovação. Por um lado, escandalizava-o o erotismo do episódio da «Ilha dos Amores», aspecto que também lhe desagradou em *Amadis de Gaula* e em *Palmeirim de Inglaterra* e que se esforçou por apagar nas suas edições daqueles dois romances. Por outro, a forte admiração que nutria pelo passado histórico português fê-lo condenar todos aqueles elementos que se afastam da realidade dos factos, como sejam os mitológicos:

“As there are some themes too sacred for fiction, so are there others too important, and to which all that invention can add must necessarily be less interesting than the reality. There is no incident, in modern history more impressive than the voyage of Vasco da Gama; but to feel and comprehend it, it must be read with all its details in Castanheda or Barros where it comes to us with the deep and abiding interest of truth. The slightest admixture of fiction debases it like an alloy. The poet should touch upon it, not treat it at length.”²⁰³

Um outro episódio de *Os Lusíadas* que despertou o interesse de Southey e provocou críticas da sua parte foi o de Inês de Castro. Em artigo de *The Monthly Magazine*, publicado em 1797²⁰⁴, o autor chamou a atenção para a inverosimilhança do longo discurso que Inês profere em defesa própria:

“[...] now it is absurd to represent a woman agitated with such agonizing terror as Inez, making a long speech: the poet, as well as the painter, should know where to draw the veil.”

Southey apercebeu-se das virtualidades dramáticas da história dos amores de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, tão do agrado dos escritores. “Perhaps no subject has more frequently been made the theme of Tragedy, than the death of Inez de Castro”, disse Southey na revisão crítica que fez à tragédia *Inez* (1796), de Charles Symmons.²⁰⁵ Lamenta, contudo, que o tema continue à espera de um dramaturgo que o trate com talento. Segundo o autor, a maneira mais adequada de o abordar seria concentrar a acção nos efeitos provocados em D. Pedro pela morte de D. Inês, e não na execução desta, como vinha sendo hábito.²⁰⁶

²⁰³ *In The Quarterly Review*. London, John Murray, 1822, vol. XXVII, n.º 53 (April), p. 20.

²⁰⁴ *The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1797 (August), vol. IV, pp. 98-100.

²⁰⁵ *The Critical Review* (2nd series). London, printed for A. Hamilton, 1798 (March), vol. XXII, pp. 326-330.

²⁰⁶ Cf. *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1822, vol. XXVII, n.º 53 (April), p. 25. Note-se que este ponto de vista expresso por Southey é uma antecipação da atitude que os dramaturgos do século XIX vieram gradualmente a tomar, nomeadamente os portugueses do fim do século.

Apaixonado pela história e literatura dos países ibéricos, Southey foi considerado no seu tempo como um perito em assuntos peninsulares, vendo assim reconhecida publicamente a dedicação que a eles votou:

"[...] it was above all in illustrating the learning, the romantic poesy, the drama, and the authentic chronicles of the nations of the Spanish Peninsula, that he occupied the vantage ground of his strength. As a miscellaneous prose author he had few living equals; here he was confessedly unrivalled."²¹⁶

Admirado por uns — entre os quais se contaram Wordsworth, Coleridge e Walter Scott —, severamente criticado por outros, tanto pela obra literária como pela evolução das suas ideias políticas, do revolucionarismo para o conservantismo, Robert Southey foi, na sua época, um escritor de alta reputação, que a posteridade, em grande parte, esqueceu. Talvez que as palavras duras com que *Lord Byron*, o mais famoso dos seus detractores, dele falou, tenham contribuído em muito para que a sua obra fosse futuramente posta de lado, mas não deixa de ser significativo que até mesmo o autor de *Don Juan* — poema aliás ironicamente dedicado a Southey em 1818 — não tenha conseguido deixar de reconhecer nele "the only existing entire man of letters."²¹⁷

Foi este homem, que muitos elogiaram pelo porte digno e gentil, a natureza generosa e íntegra, a forte noção de responsabilidade e a extrema dedicação ao trabalho que, tendo desenvolvido um tão grande amor pela cultura portuguesa, chegou ao ponto de desejar um dia ter lugar na história da nossa literatura:

"[...] the true and zealous love which I feel for Portuguese literature, in which I am now as well versed as in that of my own country, and into which [...] I hope to be one day adopted."²¹⁸

Dois séculos passados sobre a sua primeira vinda a Portugal, nada mais justo do que recordar o seu importante trabalho a favor da divulgação do nosso país além-Mancha e atribuir-lhe um lugar de destaque na história das relações intelectuais luso-britânicas: o de primeiro lusófilo inglês.

²¹⁶ *In The Monthly Censor*. London, Printed for G. & W. B. Whittaker, 1823, vol. II, n.º 10 (March), p. 278.

²¹⁷ Palavras escritas no seu diário no dia 22 de Novembro de 1813: *Letters and Journals*. Edited by R. E. Prothero (1898-1901), vol. II, p. 331, *apud* LIONEL MADDEN (ed.), *Robert Southey — The Critical Heritage*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1972, p. 157.

²¹⁸ Carta a Grosvenor Charles Bedford, de 5 de Maio de 1807, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. III, p. 89.

parte, pelo pouco interesse que, a partir de então, o episódio camoniano de Inês de Castro tem despertado como fonte de inspiração para os escritores de além-Mancha.

Como se acabou de ver, foi vasto e importante o trabalho desenvolvido por Southey no âmbito dos estudos portugueses, aos quais se dedicou por inclinação natural e sem obter grandes compensações monetárias:

"Southey's Spanish and Portuguese books and studies were about the least remunerative of all his mostly ill-paid work."²¹⁰

Para além das muitas obras que chegou a escrever, ficaram por realizar diversos projectos, concebidos em várias fases da sua vida, que provam que Portugal representava para ele uma fonte inspiradora inesgotável. É através das cartas que deixou que se pode tomar conhecimento de alguns deles, a saber: um volume de poemas sobre a história dos países ibéricos²¹¹, um outro baseado nas suas viagens por Portugal e Espanha²¹², uma composição em verso tratando a descoberta da ilha da Madeira pelo inglês Robert Machin²¹³, e, o mais importante de todos, uma história das literaturas portuguesa e espanhola.²¹⁴

Também não é raro encontrar, em várias das obras de cariz diferente, reflexos da sua faceta de lusófilo, como é o caso do poema *Madoc*, cujas reminiscências portuguesas e espanholas foram já estudadas por Herbert G. Wright em artigo publicado em 1933 na *Review of English Studies — A Quarterly Journal of English Literature and the English Language* ²¹⁵.

²¹⁰ In GEORGE SAINTSBURY, *The Collected Essays and Papers 1875-1920*. London & Toronto, J. M. Dent & Sons Ltd.; New York, E. P. Dutton & Co., 1923, vol. I, p. 247.

²¹¹ Vd. Carta a Thomas Southey, de Dezembro de 1803, in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 343: "Some day perhaps I shall make up a volume of poems upon Spanish and Portuguese history."

²¹² Cf. Carta a Thomas Southey, de 31 de Março de 1797, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 308.

²¹³ Vd. Carta a Thomas Southey, de 23 de Março de 1800: "Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence", in *Journals*, p. 67. Esta lenda do descobrimento da ilha da Madeira pelo inglês Machin foi divulgada por D. Francisco Manuel de Melo: "Epanaphora amorosa", in *Epanaphoras de varta historia portugeza a elrei nosso senhor D. Affonso VI, em cinco relações de successos pertencentes a este reino, que contém negocios publicos, politicos, tragicos, amorsos, bellcos, triumphantes* (1660).

²¹⁴ Vd. Carta a John Rickman, de 9 de Janeiro de 1800. In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 45.

²¹⁵ "Three aspects of Southey", in *Review of English Studies — A Quarterly Journal of English Literature and the English Language*. Edited by R. B. McKerrow. London, Sidgwick & Jackson, Ltd., 1933, vol. IX, n.º 33 (January), pp. 40-46.

vários livreiros as tinham à venda. Apesar de estarmos impossibilitados de saber qual a edição ou tradução, visto não virem referidas na lista, estas inclusões provam uma certa divulgação de uma obra que, na época, tinha já um público leitor — ainda que restrito — em Portugal.

Existe, no entanto, uma prova mais antiga da existência de edições de Shakespeare à venda em Lisboa e no Porto. Na Biblioteca Nacional de Lisboa estão guardados dois catálogos das lojas da Imprensa Régia, de 1771 e 1772, que incluem cada um duas edições de Shakespeare³. Uma, em inglês, tem dez volumes e foi publicada em Edimburgo em 1767⁴; a outra, em francês, é a tradução de Antoine de Laplace, publicada em 1746⁵. Podemos pois concluir que, não sendo em absoluto desconhecido, o poeta inglês não vira ainda a sua obra amplamente divulgada entre nós.

A recepção da obra de Shakespeare em Portugal fez-se em várias etapas, cada uma delas com as suas características próprias — e a segunda metade do século XVIII assistiu a algumas iniciativas esporádicas e sem seguimento, mais reveladoras de gostos e interesses literários pessoais do que de um real conhecimento da obra no nosso país. Se a primeira fase se apresenta constituída por iniciativas dispersas, outro tanto não acontece no que poderemos chamar a segunda fase da recepção de Shakespeare que, ao contrário da primeira, tem um aspecto unificador.

Aquilo a que chamámos a primeira fase de recepção de Shakespeare, estende-se desde 1762, data da publicação da *Gazeta Literária* do padre português Bernardo de Lima, até ao início da década de 20 do século XIX e traduz-se, entre outras iniciativas⁶, por breves análises à personalidade literária de Shakespeare feitas no primeiro periódico literário publicado em Portugal por Frei Bernardo de Lima⁷, na tradução de um excerto da peça *As You Like It*⁸ da autoria de José Anastácio da Cunha⁹, numa tradução completa da tragédia *Othello*,

³ *Catalogo de livros que se vendem por seus justos preços na Loge da Impressão Regia sita Praça do Commercio*. Pelo seu Administrador Francisco de Paula da Arrabida em Janeiro 1771. Lisboa, Com licença da Real Meza Censoria. Cota da BNL: B 288 P.

⁴ *Shakespeare's plays with corrections and illustrations from varlous commentators*. Edinburgh, 1767, 10 vol., 12°. Preço 5\$600/6\$800. A referência surge na página 88 da secção de PHILOLOGIA do catálogo.

⁵ *Le Theatre Anglois de Shakespeare*. Londres, 1746, 8 vol.s, 12°. Preço 3\$600. A referência aparece na secção CLASSIS V. PHILOLOGIA, AUCTORES CLASSICI na página 170.

⁶ Carlos Estorninho em «Shakespeare na Literatura Portuguesa», sep. da Revista *Ocidente*, vol. LXVII, N.º 317, Lisboa, Setembro de 1964, pp. 114-124, lista uma série de obras cuja fonte terá sido Shakespeare.

⁷ Frei Bernardo de Lima, *Gazeta Literária*, vol. I, recensão das obras «Conversações Familiares sobre a eloquencia do pulpito», pp. 110-127 e «Verdadeiro Methodo de Pregar», pp. 135-151, Porto, Junho 1762.

⁸ O excerto traduzido, conhecido por «The Seven Ages of Man», situa-se no acto 2, cena 7, vv. 184-196. A tradução foi publicada por Hernâni Cidade em *A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha*, p. 116.

⁹ Hernâni Cidade em *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha* estuda o seu trabalho de tradução e refere, quanto a Shakespeare que «De Shakespeare traduz pouco.